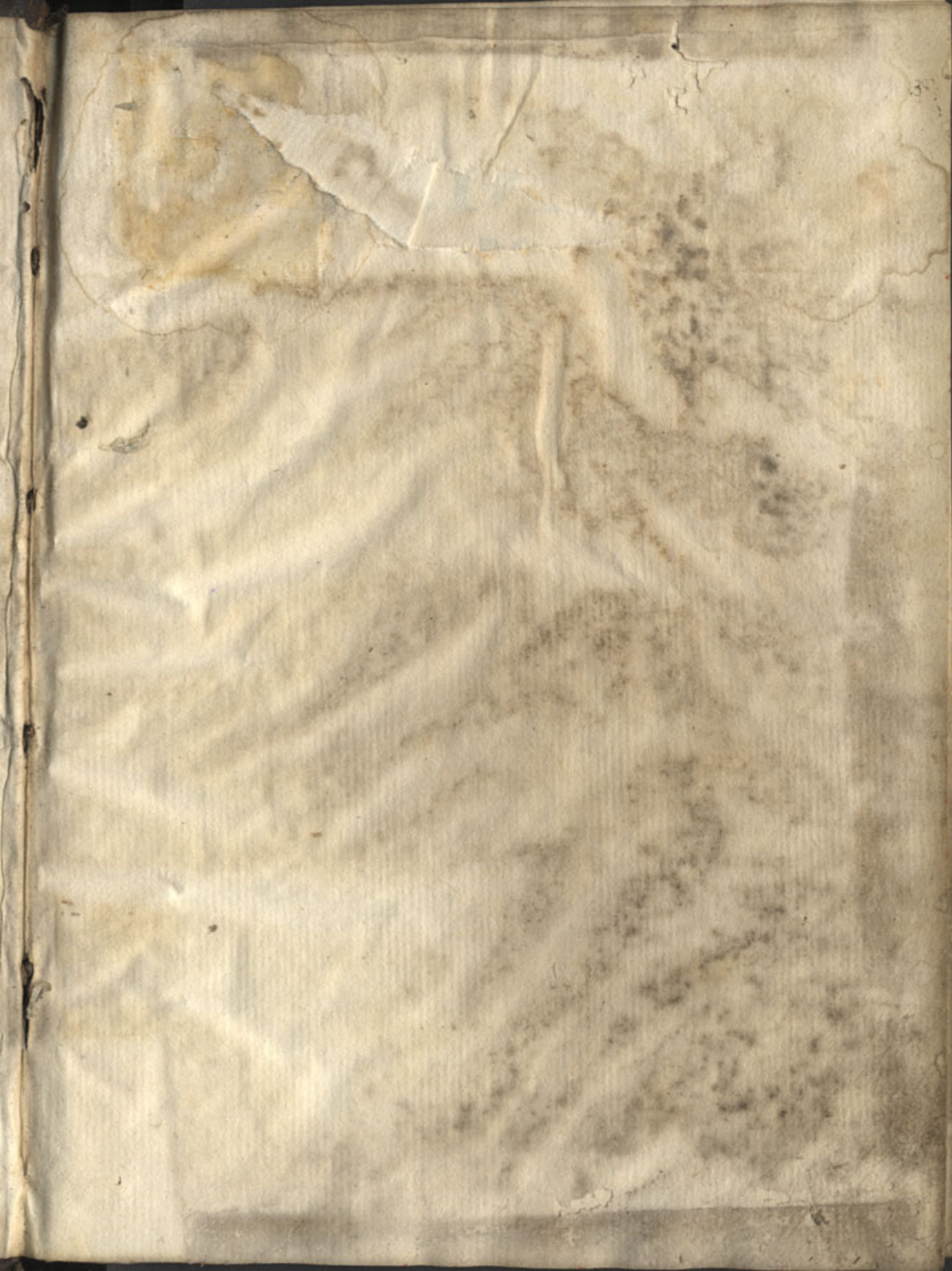


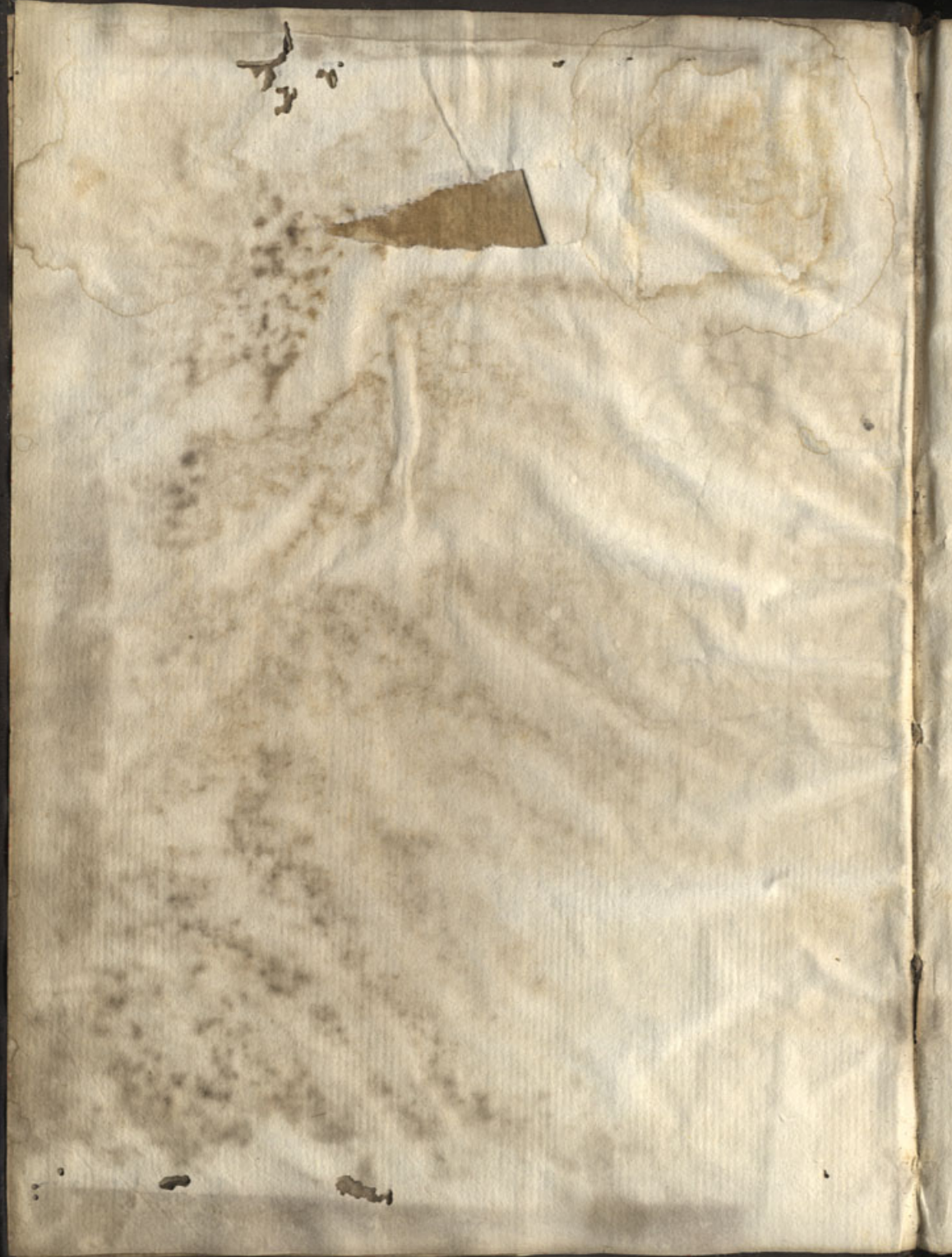


E. 41

T. 1

N.º 16





SERMONS

NO. 1

OF THE  
REV. FATHER

OF THE

OF THE

OF THE

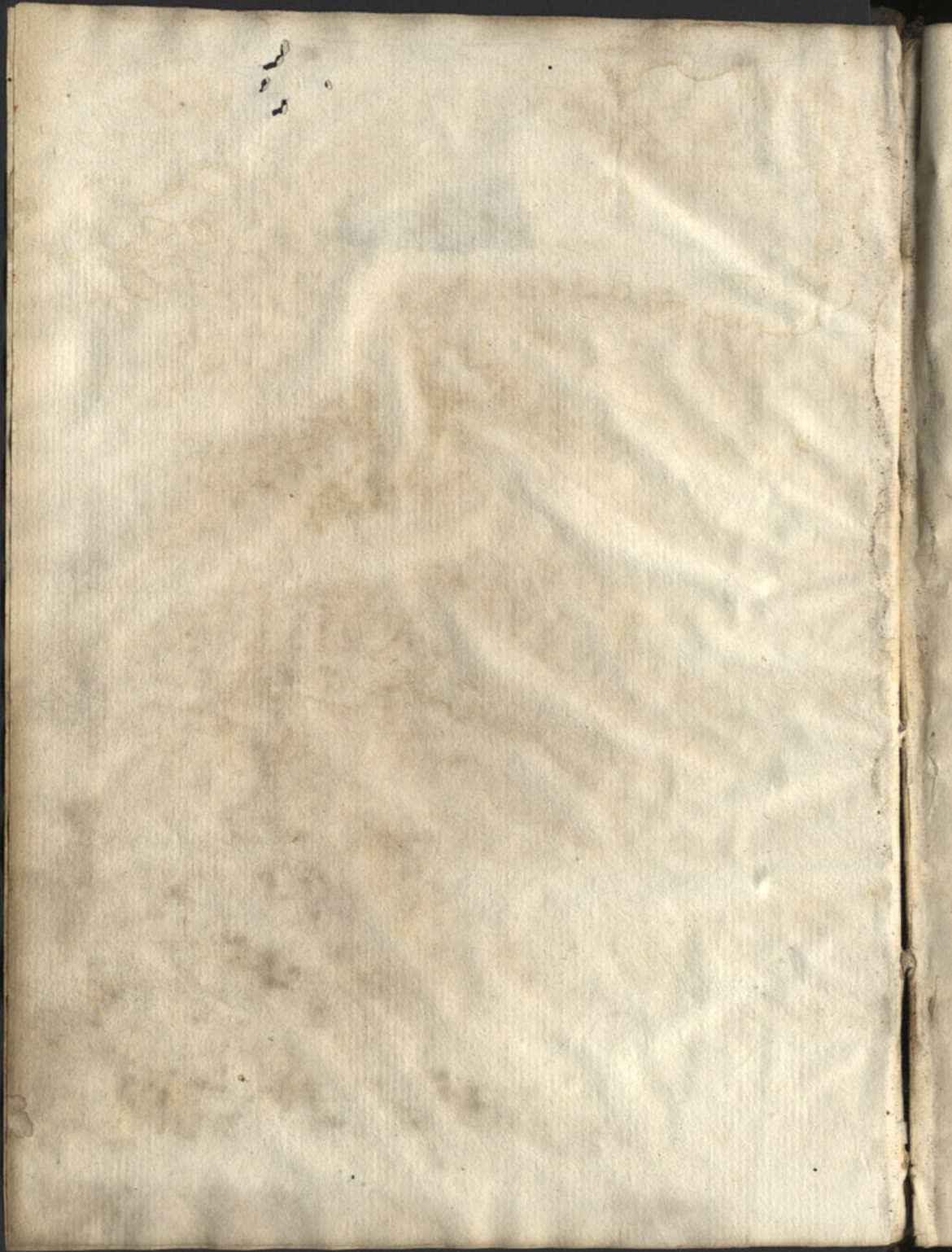
OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE



# SERMOES

DO

PADRE DOUTOR  
FR. JOSEPH DE OLIVEYRA  
Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Lente da Sagrada Theologia na Universidade de Coimbra, & jubilado na sua Religiaõ, & Qualificador do Santo Officio.

I. P A R T E.



*Fr. Manoel de L. Correia Relig. Theol. Dep. de*



EM COIMBRA. *Com as licenças necessarias.*  
Na Officina de JOSEPH FERREYRA  
Impressor da Universidade. Anno 1688.







*Censura do Illustrissimo Senhor Dom Fr. Clemente Vieyra Bispo  
de Angra.*

**O** Bedecendo a este mandado de V. P. muito Reverenda, li os quinze Sermoens, com que neste primeyro toma quer sahir a luz o M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveyra Lente da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio: & me parecêraõ tão dignos de se imprimirem, que negar selhe a licença, seria querer privar aos Prêgadores de exemplar mais perfeito, ao mundo da melhor politica, & maior doutrina: & a nõs dos grandes creditos q̃ nos assegura a noticia do Autor; porq̃ em tudo estaõ obra tão propriamente sua, que compondo nelle hũ espelho de perfeiçõs pera todos, fez juntamente hum compendio das suas prerogativas. Nelles quem os ler com attenção, o verá qualificador, pela conformidade com a Fè, & bõs costumes; pois nem a fè se acha offendida, mas desaggravada, nem os bons costumes se encontraõ, mas se persuadẽ: filho da Aguia de Agostinho, pelo sublime do estilo, subido dos discursos, & sutil dos pensamentos: Joseph, pelos augmentos da sabedoria, & excessivo da clareza, & eloquencia: Oliveyra, pelo copioso das flores, & abundante dos frutos: finalmente Mestre da Universidade, por universal em tudo; porque tudo se acha nesta sua obra, com tão singular engenho, & boa disposiçãõ, que se pôde dizer delle com propriedade: *Aquila in nubibus*: & deve ser numerado entre aquelles insignes, & prodigiosos Varoens, de quem disse Cicero: *Sunt autem quidam ita in rebus habiles, ita naturæ muneribus ornati, ut non nati, sed ab aliquo Deo facti videantur.* Lib. x.  
de Grat. Este he meu parecer. Coimbra no Collegio de Nossa Senhora da Graça aos 10. de Março de 1687.

*Fr. Clemente Vieyra*

*Licença*

*Licença da Ordem.*

**O** Presentado Fr. Pedro de Noronha Reyor Provincial da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho nosso P. nestes Reynos de Portugal, pela presente damos licença ao M. R. P. M. & Doutor Fr. Joseph de Oliveyra Qualificador do S. Officio, & Lente da Universidade de Coimbra (havendo as mais licenças necessarias) pera imprimir hum tomo de Sermões; por quanto sendo examinado por commissão nossa, pelo M. R. P. M. & Doutor Fr. Clemente Vieyra, Qualificador do S. Officio, & Lente da Universidade o approvou, & nos informou que se podia, & devia imprimir. Dada neste Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa aos 15. de Março de 1687.

*O Presentado Fr. Pedro de Noronha Reyor Provincial.*

*Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Luis da Purificação, Lente da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.*

**P**Or ordem dos Illustrissimos Senhores Inquisidores, vi este livro de Sermões do M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveyra, Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Doutor & Lente na Sagrada Theologia da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio. Estes sermões são quinze no numero, milhares na adniração; porque não offendendo à Fè, nem bons costumes, contem todos, & cada hum delles, alem da muita erudição, & utilissima doutrina, huma notavel subtileza em discursar, elegancia no dizer, vehemencia no persuadir; com o que, se a sabedoria, & palavra de Deus tambem se compára à rosa, ou pela suavidade de sua fragrancia com que nos agrada, ou pelos espinhos de nossas culpas com que nos fêre, nas rosas, ou rosarios predicativos este insigne prègador parece poem os extremos; que impressos cuidão serão para a virtude incentivos, para a predica exemplares, para a discricão delicias, para tudo utilidade. Este he o meu parecer. Coimbra, Collegio de S. Hieronymo 23. de Mayo de 1687.

*Fr. Luis da Purificação.*

*Censura*

*Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Francisco Ribeyro Lente  
da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.*

**P**Or mandado dos Illustrissimos Senhores Inquisidores, vi este livro de Sermoens do M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveyra Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Lente da Sagrada Theologia da Universidade de Coimbra, Jubilado na sua Religiao, & Qualificador do S. Officio: & sendo sómente a primeira parte, me parece desempenha em todo o grande conceito que se tem de seu Autor, cujo applauso no pulpito tão conhecido, he muito justo se eternize nas memorias desta estampa, para que igualmente sejam ditos os futuros, & os presentes. Como filho de tão illustre Familia bem mostra imitar ao Flamante Sol de tão esclarecido Pay, Aguia, & principe dos engenhos. Fenix de Africa para mayor luz da Igreja: como Sol no estilo tão luminoso, como Aguia na agudeza dos conceitos, como Fenix na singularidade dos discursos; & assim como o imita nos remotes do juizo, bem podemos esperar o imitará tambem no innumeravel de seus escritos. E se Plinio o moço julgou ser mui feliz quem obra cousas dignas de serem escritas, & quem escreve cousas dignas de serem lidas: *Felices quibus contigit, aut facere scribenda, aut scribere legenda*, sem duvida parece que o Autor ha de conseguir de mui feliz o renome; pois os Sermoens tão dignos de serem escritos os escreve de modo, que merecem ser perpetuamente lidos. Tem tanto de elegante o seu estilo, na elocução tão fertil de doutrina tão solida como authorisada, & tão aguda como solida, que não póde deixar de não dar muito resplendor aos pregadores com que se póde dizer pelo Autor o que Deos mandou dizer por Jeremias: *Olivam uberem, pulchram fructiferam, speciosam vocavit Dominus nomen tuum* cap. 11. E por este livro o que Salviano disse na Epistola ad Eustochium: *Legi librum, quem transmisisti mihi stilo brevem, doctrina uberem, sectione expeditum, instructione perfectum, mentis tue, ac pietati parem*. E se não entendera que fazia offensa à modestia de quem o compoz fora este meu testemunho, panegyrico de seus merecimentos, & não censura de sua doutrina. Materia tão sagrada bem se vê que leva consigo todos os abonos, & aonde tudo são acertos pera a salvacao, claro está que não haõ de haver erros para a censura. Este he o meu sentir, & sentirei não se dar logo à estampa com a brevidade possivel. Coimbra Collegio do Carmo 2. de Junho de 1687.

*Fr. Francisco Ribeyro.*

*Do Santo Officio.*

**V**istas as informações pode-se imprimir o tomo de Sermoens, de que esta petição faz menção, que são do P. Doutor Fr. Joseph de Oliveyra da Ordem de S. Agostinho, & depois de impressos tornarão pera se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrà. Lisboa 6. de Junho de 1687.

*Jeronymo Soares.*

*Bento de Beja de Noronha.*

*Pedro de Attayde de Castro.*

*Fr. Vicente de S. Thomaz.*

*Do Ordinario.*

**V**istas as licenças do S. Officio pode-se imprimir. Coimbra 14. de Junho de 687.

*J. Bispo Conde.*

*Censura do M. R. P. M. & Doutor Fr. Balthazar do Basto.*

**M**andou-me V. Magestade ver os quinze Sermoens que contem este livro, compostos, & prègados pelo M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveyra Cathedratico da Universidade de Coimbra, da Sagrada Ordem do Grande P. S. Augostinho. Em todos elles não achei cousa contra nossa Santa Fee, & Religião Catholica, nem contra o serviço de V. Magestade, & credito do Reyno: antes com seu douto, & subtilissimo engenho, & claro discurso serve o Autor de grande honra não só à sua Sagrada Familia, mas tambem à nação Portugueza. E serà de grande proveyto para os Prègadores modernos aprenderem o natural, & genuino dos inventos, a nativa singularidade da repartição, & a ajustada clareza dos discursos, porque em tudo ensina, & deleita. Por onde julgo que he muy digna esta obra de que V. Magestade se sirva de darlhe licença para que se ponha em estampa. Lisboa no Convento da Santissima Trindade em 22. de Julho de 687.

*O M. Fr. Balthazar do Basto.*

*Do Passo.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impressos tornarão a esta Meza para se conferirem, & taxarem, & sem isso não correrão. Lisboa 24. de Julho de 687.

*Rochas. Lamprea. Azevedo. Ribeyro.*

**E** Stà conforme com o seu original. Coimbra Collegio do Carmo 9. de Junho de 1688.

*Fr. Francisco Ribeyro.*

S E R M O E N S  
QUE SE CONTEM NESTA  
Primeira parte.

- I. Sermaõ da Quarta Feyra de Cinza. fol. 1.  
II. Sermaõ das Lagrimas da Magdalena. fol. 29.  
III. Sermaõ das Lagrimas da Magdalena. fol. 55.  
IV. Sermaõ da Sexta sexta feyra de Quaresma. fol. 84.  
V. Sermaõ do Mandato. fol. 111.  
VI. Sermaõ do Desaggravo de Christo Sacra-  
mentado. fol. 138.  
VII. Sermaõ do Glorioso Apostolo, & Evangelis-  
ta Saõ Joaõ. fol. 162.  
VIII. Sermaõ do Glorioso Apostolo, & Evangelista  
S. Joaõ Ante Portam Latinam. fol. 187.  
IX. Sermaõ da Degolação de S. Joaõ Bautista. fol. 214.  
X. Sermaõ do primeyro dia de Janeiro. fol. 242.  
XI. Sermaõ do Capitulo Provincial. fol. 266.  
XII. Sermaõ do Patriarcha Santo Agostinho. fol. 290.  
XIII. Sermaõ do Santissimo Sacramento. fol. 330.  
XIV. Sermaõ de Nossa Senhora de Nazareth  
em acção de graças. fol. 355.  
XV. Sermaõ ao recolher da Procissão de  
Passos. fol. 377.

SERMAM



# SERMÃO

DA  
QUARTA FEYRA DE CINZA  
PREGADO  
NA SEE DE COIMBRA.

-----  
*Memento homo quia pulvis es, & in pulverem reverteris.*

Ex Ecclesia.

I

**A** Lembrança, que a Igreja Catholica faz neste dia ao homem, do que he, & ha de ser, pondolhe a cinza sobre a cabeça, com mais razão compete aos Pastores, como disse Jeremias: *Vlulate pastores, & clamate, aspergite vos cinere:* pera que saibam que ainda que os superiores aos mais na digni-

dade, não deixão de ser iguaes aos mais na miseria. Oh mysterioso segredo da Divina Providencia, que assim avinculou em o homem ao ser mais perfeito o ser mais caduco! Fazêdo centro da mayor fragilidade a creatura, a quem na terra fez deposito das mayores perfeições.

2 Sua fragilidade tem os astros, todos os dias morre o Sol, & muytas vezes se eccli-

A

p fa:

plsa: mas se morre, torna logo a renascer: se se eclipsa, torna outra vez a luzir. Sua fragilidade tem as plantas: pois perdem no rigor do inverno o seu ornato: mas lá lhe ficam nas raizes as esperanças de recuperarem na primavera a sua verdura. Sua fragilidade tem as pedras; pois padecem suas mudanças: mas tem hum ser tão permanente, q̄ duraõ por muytos seculos. Sua fragilidade tem os brutos: mas ordinariamente só padecem a enfermidade, de q̄ morrem.

3 Porèm he muyto mais fragil o homem: se como os brutos tem hũa morte, tem mais enfermidades q̄ os brutos: se como as pedras tem mudanças, não permanece como as pedras: se como as plantas se despoja, não renova como as plãras: se como o Sol morre, não renasce todos os dias como o Sol. E não està tanto a desgraça do homẽ na sua miseria, como na sua ignorancia. O mayor mal do homem consiste em ignorar o seu ser. Nascem communmente da experiencia os desenganos: & não havendo cousa taõ experimẽtada como a morte, não ha hũ desen-

gano à vista de tão repetida experiencia; sendo que saõ muytos os relogios, que nos apontão as horas da vida, saõ muytos mais os que nos mostraõ a infallibilidade da morte. Pera que depois despertemos deste esquecimento, nos encomenda hoje a Igreja a lembrança do que somos, & do que havemos de ser: *Memento homo quia pulvis es, & in pulverem reverteris*: a este fim nos poem tambem a cinza sobre a cabeça,

4 E com grande razão neste dia, em que principia o jejum: *Cum jejunatis*: porq̄ a lembrança da cinza, & o jejum nasceraõ em o mesmo dia, como advertio Saõ Joaõ Chrysofomo, naquelle dia, em que Deos criou o homem: porque nelle lhe poz o preceito de abstinencia prohibindolhe huns manjares, & permittindolhe outros: *Ex omni ligno paradisi comedet: de ligno autem scientie boni, & mali ne comedas*. E neste mesmo dia lhe trouxe o ser cinza à memoria: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*.

5 *Memento homo, &c.*  
Con-



Contem estas palavras hũa proposição hypothetica, a q̄ os Filozofos chamão causal. Não diz a Igreja: lembrete homem que es pô: *Memento homo quod pulvis es*: mas lê-brate; porque es pô, uzando da particula *quia*, que como he causal, faz causal a proposição: como se dissera a Igreja: oh homem es pô, & cinza, & em cinza, & pô te has de resolver: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*: & esta tua fragilidade, esta tua vileza seja o motivo, & causa da tua lembrança: *Memeto quia*. Esta proposição causal he equivalente a hum Enthimema. O antecedente he a nossa mortalidade, o q̄ somos, & o q̄ havemos de ser: *Pulvis es, &c.* a consequencia he a lembrança: *Memeto*: a particula *quia* tem força de illação. Somos mortaes: portanto nos lembremos do que somos. Neste antecedente, & nesta consequência nos dividio o mesmo thema o assumpto do Sermão. Mostrarey a verdade do antecedente, & despois a importância da consequencia. Permita Deos que com esta especie de argumetação fique convencida a nossa cõ-

tumacia, & desterrada a nossa cegueira. Pera tudo he necessario o favor da Divina graça  
*Ave Maria.*

6 **P** *U*lvis es, &c. Eis aqui o antecedente. Este antecedente he o distincão do homem. Cuidava eu que a diffinição essencial do homem, em quanto composto fisico, era constar de corpo, & alma: & em quanto composto metafisico, era ser animal racional. Mas agora acho que a diffinição essencial do homẽ em quanto corporeo, he ser, & haver de ser pô, & cinza, he ser mortal: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*. O homem he o diffinido, o pô he a diffinição, a mortalidade he o predicado, o homẽ he o sujeito; tão sujeito he o homem à mortalidade. Assim se diffinio a sy Abraham: *Cũ sim pulvis, & cinis*: o meu ser he pô, & cinza. Homem, & pô convertem se: o mesmo he homem que pô, & o mesmo he pô que homem,

7 Ponderemos dous lugares, hum do Ecclesiastes, outro dos Numeros. O do Ecclesiastes diz assim: *Rever-*

*tatur pulvis in terram suam unde erat, & spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* Torne o pò pera a terra, dô de fahio, & alma pera Deos, que a criou. Oh se assim se verificàra a segūda parte como a primeira! Se assim como he certo haver de hir o corpo pera a terra, fora infallivel hir a alma pera o Cèu! Mas reparo, que o Sabio fallando da morte do homem, não disse: torne o homem, mas torne o pò: *Revertatur pulvis.* O mesmo veyo a dizer: porque tanto monta homem como pò, já he pò o homem antes de hir pera a terra.

8 O lugar dos numeros diz assim: *Quis dinumerare possit pulverem Iacob, aut nosse numerum stirpis Israel?* Quem poderà reduzir a numero o pò de Iacob, & conhecer a multidão da gente de Israel? Dizia o Profeta Balaão lançando os olhos ao innumeravel exercito do povo Israelitico. De maneyra que o Sabio explicou o homem pelo ser de pò: *Revertatur pulvis:* & o Profeta explicou o ser de pò pelo ser de homem:

pera declarar quem era o pò de Iacob: *Pulverem Iacob:* disse que era a gente de Israel: *Nosse numerum stirpis Israel.* Homem, & pò convertemse: quem quizer diffinir a essencia do homem, ha de dizer que he pò: & quem quizer declarar a natureza do pò, ha de dizer que he homem. Por isso eu dizia, que neste antecedente: *Pulvis es, &c.* se continha a diffinição essencial do homem. Poderemos descobrir a luz desta verdade no nosso thema? Sim.

9 *Memento homo:* lembrete homem. Se o intento da Igreja he mostrar a todos os homens o que são: porque não diz universalmente que se lembre todo o homẽ? *Omnis homo:* Mas que se lembre o homem, uzando de hũa proposição, a que os Filosophos chamão indiffinita? *Memento homo.* Com grande mysterio. A proposição indiffinita val o mesmo que a universal, quando o predicado, que nella se afirma, he da essencia do sujeito. Assim o ensina a Filosofia. E que fez a Igreja?

ja? Pera fallar com todos os homens, uzou desta proposição indiffinita: *Memento homo*: em lugar da universal; porque entendo, que o predicado, que nella se affirma de ser, & haver de ser pó, he da essencia do homem, & q̄ esta he a sua diffinição essencial.

10. Porém, vejo que me poem huma replica. A diffinição essencial não ha de competir a outrem, que não seja o diffinido: & esta diffinição compete a todas as creaturas corporeas corruptiveis, todas são caducas, & mortaes, todas se haõ de converter em pó, & cinza: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas*: logo esta diffinição não compete sò ao homem, nem he boa diffinição. Respondo que com muyta differença compete ao homem o ser pó do que às mais creaturas, assim em quanto ao termo *ad quem*: *In pulverem reverteris*: como em quanto ao termo *à quo*, ou *matéria ex qua*: *Pulvis es*: Em quanto ao termo *ad quem*: *In pulverem reverteris*: por-

que ainda que as mais creaturas corruptiveis se convertão em pó, & cinza, o homem se ha de resolver em menos que cinza, & que pó.

11. Mostra-o assim a razão fundada no thema. Nenhũa cousa se converte em o mesmo que he; porque a conversão diz mudança de hum ser para outro ser: *Transitus unius rei in aliam*: o homem actualmente he pó: *Pulvis es*; logo não se pôde converter no mesmo pó, que he: nem tambem em mais que pó; porque isso fora melhorar o corpo nam orte em quanto ao ser: ha logo de converterse em menos que pó, em hum ar, em hum vapor, em hum nada, ou quasi nada.

12. Confirmemos esta razão com outra. Todas as cousas acabam como principio, conforme aquelle Axioma: *Per quasumque causas res nascitur, per easdem dissolvitur*: & como principiou o homem? Ouçamos a Agostinho meu Padre: *Prisquam esses*

*homo, terra eras, & pri-  
usquam terra, nihil eras.*

O homem antes de ser homem, foy terra: antes de ser terra, foy nada; principiou o homem pelo nada, de nada passou a ser terra, de terra a ser homem. Pois do mesmo modo ha de acabar: de homem se ha de tornar em pò, & terra: *In pulverem reverteris*: de pò, & terra em nada, ou quasi nada: *Nihil eras*. Assim o deu a entender David: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens*. E esta tambem he a razão porque a vida do homem se compara ao circulo; porque no seu fim torna ao seu principio.

13 Sonhou Nabuco cõ aquella sumptuosa Estatua composta de varios metaes, cuja pompa arruinou huma pedra, que cahio do monte: *Lapis percussit statuam, &c.* & o mesmo impulso da pedra desfez igualmente assim o ouro, & prata fina, o bronze, & ferro forte, como o barro fraco: *Contrita sunt pariter, &c.* Não te desvaneça, oh ouro, a tua fineza, & o teu valor; pois no

palido estàs mostrando a cor da morte. Não te ensoberbeça, oh prata, o teu esplendor; porque ainda q̃ lustrosa não te izentes de ser quebrada. Não te engane, oh bronze, & ferro, a tua fortaleza, pois basta o golpe de hũa pedra pera occasionar tua ruina. Vede que iguالمême sois caducos como o barro dos pès.

14 No que reparo he, dizer o Texto que desfeitos os metaes da Estatua desaparecêraõ de sorte, que se lhe não vio, nem achou lugar: *Nullus locus inventus est eis*. Pergunto. Que foy feito das cinzas, em que se resolveo a Estatua? *Redacta quasi in favillam*. Se a Estatua occupava tão grande espaço quando inteira: *Statua una grandis*: como não occupão algum lugar as cinzas quando destruida? Direy. Nas partes daquella Estatua, em hum sentido, se representavaõ varios Imperios: em outro sentido as partes de hum corpo mystico, ou de hũa Monarchia. No ouro da cabeça, o Rey: *Tu es caput aureum*: no peito, os grandes:

nos dous braços, o Ecclesiastico, & secular: no bronze, & ferro, os fortes: no barro dos pés, os fracos, & pequenos. O encontro da pedra não he outra cousa mais que o golpe da morte, ou o toque da campa.

15 Et tanto que as partes daquella Estatua ficáraõ de baixo daquella pedra, resolveráõse em nada. O que não existe, nem tem ser, não occupa algum lugar: & como havião de occupar lugar algũ aquellas ruinas, senão existiaõ, nem tinhão ser? *Nullus locus inventus est eis.* E bem se vê que não occupáraõ algũ lugar as ruinas da Estatua; pois, como diz o Texto, a pedra encheo todo o espaço, & redondeza da terra: *Implevit universam terram.* Não se resolveo aquella Estatua em pò, ou cinza, mas em menos que cinza, & que pò: *Redeeta quasi in favillam.* A particula *quasi* he diminutiva, & quer dizer que se resolvèra em quasi pò, & cinza, ou menos que cinza, & pò. Pois em que se resolveo? Em hũ ar, ou vapor? Não; porque ainda este occupa algum lu-

gar: em nada se resolveo.

16 Faço agora este argumento. Se todas as partes de hum corpo mystico, se os Imperios, & Monarchias representadas na Estatua se resolvem em menos que pò, se despois da morte não occupão lugar: que ferà qualquer homem? Confirmemos este dizer com hũa experiencia verdadeira. Vemos que se enterraõ em as sepulturas successivamente milhares, & milhares de corpos, & q̃ nelas não cresce a terra: antes sempre as sepulturas se achão com a mesma capacidade pera receberem mais, & mais corpos. Se os corpos mortos desde que principiou o mũdo se resolvèraõ em terra, ainda que fora em pouca quantidade, aonde havia de caber esta terra? Nem nas sepulturas, nem nas Igrejas, nem em grande parte do mundo: final claro que se reduzem a hum vapor, ou nada, & que não occupão lugar. Pouco importa que o não occupem na terra os corpos, o ponto està em que o tenhaõ no Cèo as almas.

17 Bem declarou esta verdade Job nesta pergunta: *Homo cum mortuus fuerit, & nudatus, atque consumptus, ubi quæso est?* Hū homem morto, & sepultado aonde está? Que lugar occupa? E insinuou tacitamente a resposta: *Nullibi*: em nenhum lugar está; porque não tem ser. Saõ os corpos, que vão para a sepultura, como os rios, que entraõ no mar: *Quasi aquæ dilabimur*: os rios entraõ no mar, & o mar não avulta mais: *Et mare non redundat*: os corpos entraõ na sepultura, & a terra nam cresce.

18 E que sendo isto assim, seja tala vaidade dos homens, que se empreguem em lavrar custosos marmores, & porfidos, & fabricar soberbos sepulchros, pera encerrarem em sy hū ar, hū vapor, hum nada! Oh engano, & cegueira do mundo! Direis q̄ saõ artificios pera perpetuar as vossas memorias. E que saõ essas memorias? Job o disse, saõ huma pouca de cinza: *Memoria vestra comparabitur cineri*. Assim como às cinzas qualquer vento as espalha, assim

as memorias qualquer tempo as apaga.

19 Oh a quantos cega a ambição destas memorias! Occupa-se o Poderoso em fabricar grandiosos edificios, entalha nelles as armas, & braçoens de sua ascendência, só a fim de eternizar suas memorias. Oh que essas memorias saõ cinzas! *Comparabitur cineri*. Desvela-se o Ambicioso em adquirir grandes cabedaes, tal vez por meyo illicitos, pera fazer grande caza, & instituir grande morgado (sem dar huma esmola na vida, nem deixar hūa misa por morte) tudo a fim de perpetuar suas memorias. Oh que estas memorias saõ cinzas! *Comparabitur cineri*. Esmera-se o Capitão, & o soldado em obrar na guerra proezas, só a fim de se immortalizar nos annaes da fama. Oh que essas memorias saõ cinzas! *Comparabitur cineri*.

20 Melhor fora q̄ o Capitão, ou soldado obrara proezas tendo por motivo a defenõ do feu Rey, ou da Patria: o Ambicioso dispendera as riquezas em obras pias: o Poderoso em lugar dos

dos edificios materiaes, fize-  
ra obras de edificação espi-  
ritual: o desvanecido lavrà-  
ra os marmores dos sepul-  
chros pera defenganos: mas  
pera memorias, q̄ são cinza,  
& menos, que cinza; pois sò  
della tem a semelhaça! *Com-  
parabitur cineri*: Grande ce-  
gueira! Que serão as memo-  
rias do homem despois da  
morte. se depois da morte se  
resolve em hum ar, em hum  
vapor, ou em nada? Donde  
venho a cõcluir q̄ se as mais  
creaturas corporeas se resol-  
vem em cinza, & pò: & o ho-  
mem se ha de tornar em me-  
nos que pó, & que cinza, a-  
quella diffinição em quan-  
to ao termo *ad quem*: *In pul-  
verem reverteris*: compete  
sò ao homem, & não às mais  
creaturas.

21 Compete tambem sò  
ao homem em quanto à pri-  
meira parte, ou materia *ex  
qua*: *Pulvis es*: porque as  
outras creaturas corporeas,  
& corruptiveis haõse de cõ-  
verter em pò, & terra, mas  
naõ são actualmente terra,  
nem pò, nem de terra ti-  
veram muytas a sua ori-  
gem: como se vê dos as-  
tros, nas aves, nos pei-

xes, & nas perolas, &c. Po-  
rèm o homem actualmente  
tem o ser da terra, & de pò:  
*Pulvis es*: & da terra foy o  
seu principio: *Priusquam  
esses homo, terra eras*. As  
mais creaturas hão de ser pò,  
& terra por resolução: o ho-  
mem já he pò, & terra por  
essencia actual. Tal he a  
fragilidade do homem que  
quando existe, he o que as  
mais creaturas hão de ser,  
quando acabaõ.

22 Donde infiro que se  
as mais creaturas são mor-  
taes, o homem, ainda quan-  
do existe, não sò he mortal,  
mas he já morto. Assim o  
deve de entender a Igreja;  
pois já lhe entoa o *Memeto*.  
Assim o julgou Aristoteles  
que diffinindo ao homem,  
lhe chamou despojo da mor-  
te: *Spolium mortis. Omnes  
morimur, & quasi aquæ  
dilabimur*: dizia a Thecui-  
tes a David: todos mor-  
remos. Que todos hajão de  
pagar tributo à morte, naõ  
o duvido: porèm melhor  
me parece differa a The-  
cuites que todos haviamos  
de morrer. *Omnes morie-  
mur*: & não que todos já  
morremos de presente; por-  
que

que aquelles, que actual-  
mente vivem, ainda não  
morrem.

23 Quiz sem duvida de-  
clarar quam fragil era a con-  
dição de todos os homens: &  
que não só nesta vida eraõ  
mortaes, mas já mortos, &  
por isso não disse que havião  
de morrer de futuro, mas  
que já morrião de presente:  
*Omnes morimur.* Não só  
morrem os que acabão de  
todo, mas tambem os que  
actualmente vivem: ha mor-  
ter na morte, & ha morrer na  
vida.

24 Por mädado de Deos  
foy Ifayas intimar a Eze-  
chias a triste nova da morte  
nesta fórmula: *Dispone domui  
tuae, quia morieris tu, & non  
vives:* dispoem as coufas de  
tua casa; porque brevemen-  
te has de acabar a vida. Oh se  
os eccos desta voz soaraõ re-  
petidas vezes em nossos ou-  
vidos, como viveriamos a-  
cautelados! Prepara, oh ho-  
mem, a tua consciencia; por-  
que podes morrer em qual-  
quer instante: *Morieris.*  
Mas he digno de reparo di-  
zer o Profeta a Ezechias q̄  
morreria, & naõ viviria: *Mo-  
rieris tu, & non vives.* Estas

ultimas palavras: *Non vi-  
ves:* parecem superfluas:  
Quem morre, claro está que  
não vive: como a morte he  
privação da vida, superfluo  
era dizerlhe que não teria  
vida, quando lhe annunciava  
a certeza da morte: *Morieris.*

25 Oh que aquellas pa-  
lavras: *Non vives:* não fo-  
rão superfluas, foraõ myste-  
riosas; porque tambem se  
pöde morrer na vida. Co-  
mo o homem pöde morrer  
não só acabando, mas vi-  
vendo, foy advertencia ne-  
cessaria dizer o Profeta a  
Ezechias que morreria, &  
não viviria: *Morieris, &  
non vives.* Na vida era já  
Ezechias morto; porque e-  
ra homem, & porque era  
Rey: & pera fazer distin-  
ção o Profeta entre huma,  
& outra morte, & lhe de-  
clarar o modo, com que  
havia de morrer, lhe disse  
que não só morreria como  
atè então vivendo, mas tam-  
bem acabando.

26 Todos os homens tem  
a morte na vida, & só os jus-  
tos tem a vida na morte: a  
morte do justo he vida, a vi-  
da do homem he morte.  
Assim o mostra a experien-  
cia.



cia. A vida do Rey não he huma morte? A vida do Pastor, a vida do Valido, a vida do Religiofo, a vida do Mestre, a vida do Rico, a vida do Pobre, a vida do Avarento, a vida do Envejoso, a vida do Lascivo? Sim. O Rey morre com as muytas, & grandes penfoens do governo: o Pastor com os cuidados do feu rebanho: o Valido com o temor de perder a graça, & desvelo de evitar a queda: o Religiofo; porq̃ sempre vive mortificado, o feu habito he a sua mortalha: não só morre na vida, mas pera a vida, morre no mundo, & pera o mundo: o Mestre morre com o incançavel trabalho dos estudos: o Rico com o temor de perder, o q̃ possui: o Pobre com as faltas, & miserias, que padece: o Avarêto com a ansia de adquirir quanto ha no mundo: o Envejoso com o pezar do bem alheo: o Lascivo com o continuo desafocgo.

27 Tudo nesta vida se arma contra o homem. Os males affligem, os bens o mudão, os manjares o corrompem, os deleites o enfra-

quecem, os pensamentos o combatem, as esperanças o atormentaõ, os calores o abrazaõ, os frios o inhabilitaõ, as riquezas o desvelaõ, a pobreza o arrasta, a velhice o entorpece, a mocidade o precipita. Isto não he ter a morte na vida? Sim. Elegantemente o disse S. Gregorio fallando desta vida mortal: *potius dicēda mors quã vita.*

28 Reconheceo a fabulosa Antiguidade a tres Parcas por Deofas mortaes, fingindo q̃ ordiaõ a tea de nossa vida, hũa fiãdo, outra tecendo, & cortãdo outra. E o mesmo he fiar esta, & tecer aquella a tea, que affiar a outra a tisoura: & corta esta mais facilmente pela olanda fina, q̃ pelo burel grosseiro. Quem se fiarã de hũa vida, que està por hũ fio exposta ao corte de hũa tisoura! Porém se das Parcas hũa sò he a q̃ corta, & das duas, hũa fia, em que se symbolisa a geração, & a outra tece, aõde se representa a cõservação da vida: porq̃ se não ha de chamar mortal hũa sò Parca, mas todas tres? Digo q̃ tão mortaes saõ as duas, q̃ fiãdo, & tecendo concorrem pera a vida, como a que

cortando concorre para a morte; porque tambem he morte a nossa vida por duas razoes.

29 Seja a primeira. Esta existencia, a que chamamos vida, não he vida. Porque o viver diz successão: a nossa vida não tẽ successão: logo não he vida. Não tem successão; porque como disse Democrito, he hum ponto indivisivel, ou hũ momento. Se o mundo a respeito do Cèu he como hum ponto: como não será a nossa vida a respeito da Eternidade hum momento? *Tanquam momentum statera, sic est ante te orbis terrarum.* Mas adverti, senhores, que deste pòto pendem as linhas da Eternidade: se forem rectas encaminharão pera a circumferência do Cèu: se curvas para a profundidade do Inferno.

30 São Joã Chrysostomo chamou á nossa vida circulo. O circulo no ponto, aonde principia, ahi acaba; tão unido anda no homem o acabar ao nascer: a penas se ve formado, quando desaparece a vida, & para o curso da roda. Querendo o Ecclesiastico declarar a fragilida-

de do homem, uzou da metaphora dos vasos de barro, q̃ forma o artifice: & disse que nos formàra Deos com tuas mãos à semelhança de hum oleiro, que compoem louças de barro: *Quasi lutum figuli in manu ipsius.. sic homo in manu illius, qui se fecit.* E porque se compara Deos nesta formação ao oleiro, mais do que a qualquer outro artifice?

31 Com grande razaõ. Os vasos de barro, & lodo somos nós: *Lutea vasa portantes*: sem outra differença mais que, a que vay de ser barro amaçado cõ agoa, ou barro misturado cõ sangue. Forma o oleiro com o curso de hũa roda muyta variedade de vasos. Huns saem escolhidos, outros saem reprovados, como disse S. Paulo. *Aliud vas in honorem, aliud in contumeliam.* Hũs são grãdes, outros são pequenos: & ser grãde, ou ser pequeno he ter mais, ou menos barro. Huns são grossos, outros finos: & os finos quebraõ mais facilmente q̃ os grossos. Hũs tem azas, outros não: & como as azas são postigas, por ellas quebraõ muytas vezes.

Huns

Huns têm mayor bojo, outros tem menor capacidade. Huns são largos, & communição o que recebem com liberalidade, outros são estreitos, & largam o que em sy tem com avareza. Huns são solidos, outros são rotos, por mais que recebem, nunca se enchem. Huns são dobrados, outros singelos: mas todos barro fragil, & quebradiço.

32 Estas mesmas variedades, que vemos nas feyturas de barro, se acham no genio, & natureza dos homens: mas ou se são formados assim, ou assim, todos são barro vil. O que agora me serve he, que formandose os vasos de barro com o movimento circular de huma roda, a penas está o vaso feito, quando o movimento da roda cessa. Os vasos de barro, como já disse, somos nós: o curso da roda he o curso da nossa vida, como diz Berchorio. E está tão unido em o homem o seu ser ao seu não ser, o seu fim ao seu principio, que em o mesmo ponto, em que está formado, cessa o curso da vida: homem feito, roda parada.

33 Não tem a vida do ho-

mem duração perfeita; porq̃ he ponto: he tanto morte a nossa vida, que primeiro na nossa existencia se entende o acabar, que o viver. A morte nas Escrituras comparese ao sono: *Dormiuit cū patribus suis*: & a vida ao sonho, como affirma Seneca: & assim como he primeiro o sono q̃ o sonho, o dormir q̃ o sonhar: assim he primeiro a nossa existencia o acabar q̃ o viver. Bem claramēte o disse David falando da vida do homē. *Manē sicut verba transeat, manē floreat*. Muyto cedo acaba, & florece: primeiro fallou no transito q̃ na existencia, no acabar que no florecer: logo he mais morte que vida.

34 Oh fragil vida! Flor, q̃ assim te murchas! Vento, q̃ assim voas! Sombra q̃ assim foges! *Fugit velut umbra*. E que nos enfeitice esta sombra tão enganosa! Que nos namore esta flor tão caduca! Que nos arrebate este vento tão ligeiro! Que nos faça dar tantas voltas este circulo tão vicioso! Que nos leve as atēções este ponto tão abbreviado! Hũa vida, q̃ não se he mortal, mas he morte! Grande cegueira!

35 A segunda razão he. Porque a vida a respeito do homem morto, he cousa já passada: assim considero eu a respeito do homem existente, os dias, que actualmente vive, & ha de viver, computa-se por dias já passados. Vejaõ este pensamento bem fundado no thema: *Memento homo*. Diz a Igreja que nos lembremos do que somos, & havemos de ser. A lembrança não he do presente, nem do futuro, mas do passado: como pois diz a Igreja que nos lembremos do que somos, & havemos de ser? Haviamos de excitar ao conhecimento, & não à lembrança.

36 Com grande mysterio. Porque o que somos de presente, & havemos de ser tem tão pouca entidade, como se já fora passado, como se já tivera sido. O passado já não he: & para mostrar a Igreja o pouco, ou nada, que he o que vivemos de presente, & havemos de viver de futuro, diz que nos lembremos do futuro, & do presente, como de cousa já passada: *Memento*. A's vozes de Josué parou o Sol em: quanto durou a

batalha: & diz o Texto que nem antes, nem despois tivera o mudo igual dia: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies*.

37 Não reparo na grandeza do dia: só me faz duvida a fraze do Texto. Que o Texto affirme q̄ antes não houve em o mudo dia como aquelle: *Non fuit antea*: bem está: mas dizer que despois o não houve? Os dias, que havião de ser despois, ainda não tinhão sido: como logo falla o Texto tambem destes dias de preterito? *Non fuit postea*. Melhor differa o Texto, q̄ nem dantes houve dia igual, nem o haveria despois: *Non fuit antea, nec erit postea*: mas fallar dos dias, que havião de ser de futuro pelo tempo preterito: *Non fuit*: parece incoherencia.

38 Poderão dizer que Josué author deste livro fez menção só dos dias, que desde aquelle celebre dia correrão até o tempo, em que elle compoz esta historia. Porém o Texto, conforme muytos Expositores, não só faz comparação com estes dias, mas com todos os mais. E nelle se

*Apud A. sup.* se fundão muytos Escriturarios, pera dizerem que este dia de Josué, em que o Sol parou, foy mayor que o dia de Ezechias, em que o Sol retrocedeo: & este segundo prodigio succedeo muytos annos, & seculos despois da morte de Josué: logo o Texto não só faz aqui comparação com os dias, em que viveo Josué mas com todos os dias, que despois correraõ, & vão corrêdo: como pois falla pelo preterito daquelles dias, que havião de ser de futuro? *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* Direy o que me parece.

39 He verdade q̃ os dias, que se seguiraõ despois daquelle grande dia, na realidade ainda havião de ser de futuro, & em algum tempo foraõ presentes: porê m quanto dias, ou mensura da vida do homẽ, reputavãose por passados. O passado já não he; & pera mostrar o Texto o pouco, ou nada, que eraõ os dias da vida, fallou dos presentes, & futuros como de cousa já passada, como de cousa, que já não era: *Non fuit antea, nec postea.* Assim como ninguem vive os dias,

que já viveo, assim não vive os dias, em que actualmente existe: como a nossa vida he hũa morte, como somos mortos na vida, comparaõse os dias da presente vida, a respeito do homem, como dias já passados: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* Eis aqui o que somos!

40 Isto vem a ser as horas, os dias, os mezes, os annos, os seculos! Oh se esta consideração nos passara muytas vezes pella lembrança! Mas se algũa hora nos chega, logo nos passa. Oh se cada hũ de nõs se considerara morto pera o mundo: como vivera mortificado só pera Deos! Considere cada hũ o que he, & achara que não só he mortal, mas he já morto: *Memento homo quia pulvis es.* Donde venho a cõcluir: se as mais creaturas só saõ mortaes, & o homẽ não só he mortal, mas já morto: se as mais creaturas sò haõ de ser pó de futuro, & o homem he já pó de presente: *Pulvis es*: que esta diffinição em quanto a materia *ex qua*, ou a primeira parte compete sò ao homẽ, & não às mais creaturas.

41 Restava agora mostrar: se

se assim como esta diffinição compete só ao homem, compete tambem a todo o homem, & distribuir esta proposição universal: *Homo pulvis es, &c.* por todos os particulares. Mas como esta digressão pede muyto tempo, fallarey só dos mayores, & destes se fará argumento pera os pequenos. Saibão os Reys, os Princepes, & os grandes, que são, & haõ de ser pò, & cinza: *Pulvis es, &c.* & que a sua mortalidade compete com a sua grandeza. Quanto na arvore mayor he o pomo, tanto mais pera a terra se inclina: quanto na vida mayor o estado, tanto mais pera a morte se chega.

42 Quereis ver, oh Monarchas, & Princepes, como sois mais mortaes que os outros? Olhay bem pera aquella Estatua, attétai bem para aquella pedra. Tocou a pedra só nos pès da Estatua: *Percussit statuam in pedibus:* & este golpe bastou pera arruinar tambem a cabeça. Pera a pedra destruir os pès, em q̄ se representavaõ os pequenos, foy necessario fer rilos: *Percussit:* pera pos-

trar a cabeça, em que se symbolizava o Rey, bastou asfombra-la: para a ruina dos pès, q̄ eraõ mais fracos, foy necessario imprimirselhe o golpe de perto. *Percussit* pera o estrago da cabeça, q̄ era mais forte, bastou o golpe de longe. E quem distinguiria naquellas ruinas a cinza dos pès, da cinza da cabeça: a cinza do Rey, da cinza do vassalo?

43 Na morte não ha differença de Rey a vassalo, de grande a pequeno. São as dignidades papeis de comedia, que são duraõ em quanto dura a representação da vida. Fallou o Profeta Ifaias da morte dos Reys, & disse assim: *Omnes Reges gentium universi dormierunt in gloria, vir in domo sua.* Morreraõ os Reys, descansou o homem na sua caza, que he o mesmo que na sepultura. Desenganemse os Reys que não he a sua caza o palacio, a sua caza he o sepulchro.

44 Mas reparo em que primeiro lhe chama Reys: *Reges:* & logo só homens. *Vir:* Se estes homens são os mesmos Reys: porque primeiro lhe dà o titulo de Reys, & def-

depois só de homens? Porque nas primeiras palavras fallou do que foraõ na vida até à hora da morte: nas outras do que eraõ na sepultura: & se até a morte são Reys com differença dos outros homens, depois da morte são homens como qualquer dos outros: *Vir in domo sua*: antes da morte excedem aos mais na grandeza: depois da morte igualam aos mais na miseria.

45 Pouco disse. Depois da morte ainda são menos que os outros homens. Não reparaõ na palavra: *Vir*: em o singular? Morrerão os Reys, & sepultou-se o homem. Parece que havia de dizer o Texto: sepultarão-se os homens; pois foraõ muytos os Reys, que morrerão: *Reges*. Oh não; porque muytos Reys depois da morte avultaõ tão pouco como hum só homem. Ainda não disse tudo. Todos os Reys: *Omnes Reges*: depois da morte fazem o vulto de hum homem só: *Vir in domo sua*: compete a sua fragilidade com a sua grandeza, medese a sua mortalidade pela sua mayoria.

46 E se os homens, como já disse, nesta vida não são mortos, mas já mortos: os Reys ainda ficão de peyor condiçãe; porque não são mortos, mas sepultados. Falla o Profeta Ilias da ruina de Baltasar, & diz que fora arrojado do seu sepulchro em o Inferno: *Projetus es de sepulchro tuo ad infernum detraberis*: cuidava eu que a primeira jornada dos Reys mortos, era do trundo pera o sepulchro, mas do sepulchro pera o inferno! Não está aqui o meu reparo, senão, q̄ conforme os Escritores o corpo de Baltasar não foy sepultado. Pois se Baltasar não teve sepultura: como diz o Profeta que foy lançado fóra da sepultura, que não teve?

47 Entendo que quiz dizer o Profeta que Baltasar fora de spojado do trono, & exterminado do palacio, quando foy morto por Cyro: & ao trono, ou palacio chamou sepulchro; pera q̄ se entendesse a differença, que havia entre os Reys, & os outros homens: q̄ se os outros

B são

saõ nesta vida mortos, os Reys não só saõ mortos, mas sepultados: o seu trono he o seu sepulchro: a purpura he a mortalha: *Projectus es de sepulchro tuo.* Os outros haõ de ter a sepultura por caza: *Vir in domo sua:* elles já tem a caza por sepultura. Por esta razaõ quando antigamente se coroavaõ os Emperadores, lhes traziam

At. 2.

quatro pedaços de varios marmores, pera que vissem de qual daquelles se lhe havia de fabricar o sepulchro: em o mesmo tempo, em que se lhe punha a coroa, se lhe preparava a sepultura. Isto he o que sois, oh Monarchas!

48 Tambem saõ mais mortaes que os outros homens os Principes Ecclesiasticos, os Pontifices, & Prelados da Igreja: saõ mais pò, & cinza: *Pulvis es.* E se querem ver a sua mortalidade, oução hum engenheiro pensamêto de Agostinho, em resposta a hũa dvida, q̃ elle mesmo propoz no capitulo vinte & hum do Levitico. Mandava Deos que todos os dias de manhã, & de tarde se puzesse incenso

dentro do Santuario, & que sò o Summo Sacerdote exercitasse este ministerio. Entra a duvidar meu grãde Padre. E quando o Summo Sacerdote estava impedido por enfermidade, como se satisfazia a este preceito? Porq̃ o Summo Sacerdote era hũ sò, & aos mais era prohibido entrar dentro do Santuario.

49 Responde Agostinho. Que nunca os Summos Sacerdotes faltavaõ a esta cerimonia; porque não costumavaõ adoecer, nem morrer de enfermidade como os mais, senão de repõte: & pela morte do Summo Sacerdote, logo succedia outro: *Possumus dicere non solere Summus Sacerdotes, nisi subito*

Aug. a-  
pud Ly-  
ram.

*mori, & non precedente a-  
gritudine.* Notavel repõta: Os Summos Sacerdotes, os Princepes Ecclesiasticos do povo morriaõ de repente! Os Summos Sacerdotes da Ley antigua eraõ figura dos Pontifes, & Prelados da Ley nova. Vejaõ pois quãto saõ mais mortaes, que os mais homens. Pera os mais acabarem ha de preceder, regularmente fallando, a

gra-



gravidade do achaque, & a violencia do mal: & pera os Prelados morrerem, basta a excellencia do estado, o sublime da dignidade: a sua mayor altura he a sua mayor doença.

50 Andem pois sempre prevenidos pera os assaltos da morte: porq̃ podem morrer em qualquer instante. Porém hum grande remedio tem os Prelados da Ley da Graça, pera não temerem os repentres da morte, de que não uzavaõ os Pontifices da Ley antiga: & vem a ser, que estes não descobrião as cabeças, pera se lhes pôr cinza: *Pontifex caput suum non discooperit.* Porém os Pontifices, & Prelados da Ley da Graça todos os annos poem a cinza sobre as suas cabeças. E quem faz da morte tão repetidas memorias, não tem que temer os seus assaltos. Isto he o que sois, oh Prelados, & Princeses Ecclesiasticos!

51 Vede tambem a vossa fragilidade, oh Poderosos, & bem afortunados. Que vem a ser as vossas prosperidades? São bens da fortuna sojeitos

à inconstancia da sua roda. Pintase a fortuna com azas, & com mãos: se tem mãos pera o favor, tem tambem azas pera a fugida. Pintou Apelles por emblema da fortuna de Alexandre hum rayo, q̃ subitamente apparece, & desaparece. Oh como sois mais mortaes! Os que mais prosperamente navegaõ, com mais pressa chegam ao porto: aquelles que no mar deste mundo navegaõ mais vento em popa, a quem sopra mais o vento da fortuna, mais cedo chegam ao porto da morte. E estando os Poderosos, & bem afortunados mais vezinhos da morte, vivem ordinariamente do que são mais esquecidos.

52 Caminhavão os Israelitas pelo deserto em quadro, repartidos de tres em tres tribus. E notey eu que pera a parte do Occidente ficavão Efraim, & Benjamin, & entre elles Manasses. E não sem mysterio. Efraim he o mesmo que *crescens* homem, q̃ cresce muito. Benjamin interpretase: *Filius dexterae*: he o mesmo que bem afortunado.

Manasses significa esquecimento: *Hoc est obliuio*. E como em Efraim, & Benjamin se symbolifavão os que crescem, & são mais favorecidos da fortuna, vezinhavão mais com o Occaso, ou com a morte; por isso ficavão pera a parte do Occidente: & tambem com hum, & outro dia unido Manasses, q he o esquecimento; porque os mayores, & mais bem afortunados são os que da morte, & do que são vivem mais esquecidos. Como nestes era mayor a fortuna, era menor a lembrança; sendo q na lembrança do que cada hũ he, consiste a melhor fortuna. O h se bem advertirão estes que os não hão de acompanhar na sepultura as honras, nem as riquezas, senão as boas obras: *Remanent in seculo, quecumque seculi sunt, sola virtus est comes defunctorum*.

53 Ve de tambem o que fois aquelles, que viveis entregues aos regalos, & deleites deste mundo. E que são os deleites? São huma aspereza verdadeira com hum gosto fingido: hũ multidão de pezares com apparencia

de prazeres: são roza com espinhos: são pò, ou porque qual quer vento os leva, ou porque com difficuldade se juntão. São os deleites como os rios, não só porque correm, mas porque ao nascer são doces, ao parar salgados. Por isso Aristoteles disse que havíamos de considerar os deleites não o que são, quando vem, mas o que são quando vão. Parecem hũ coufa, & são na realidade outra.

54 Despois que os Israelitas adorarão o Bezerro, levantaraõse todos a fazer bailes, & danças: *Surrexerunt ludere*: & no mesmo tempo veyo a espada de Moysés sobre elles: tão unidos andaõ aos gostos os estragos. Ouvirão Moysés, & Josuè as vozes, & alarido do povo: a Josuè lhe pareceo estrondo de guerra: *Ululatus pugnae auditur in castris*: & a Moysés pareceo harmonia de musica: *Vocem cantantium ego audio*. Isto são os passatempos do mundo, parecem vozes cõ harmonias aos sentidos, & são estrondos de batalha pera as almas. São

os gostos muy transitorios, & o tormento, que lhes cor- respõde, he eterno: *Citò permanet, quod delectat, & permanet sine fine, quod cruciat.* Diz Agostinho meu Padre. E que se perca hũ bem eterno por hũ gosto momentaneo!

55 Que adorais, oh Lascivos, cegamente em o mundo! Hũa apparente fermozura, que he mais fragil que o barro, mais delicada que o vidro, mais mudavel que o vento, hũ idolo de loucos, hũa flor do campo, que tem por horizonte o ponto de seu nascimento! Nisto idolatrais chamandolhe nesciaméte Ceo, Sol, Lua, & Estrella! Sendo que do Ceo não tem mais que o ser movel: de Sol o ser mortal: de Lua o ser mudavel: & de Estrella o ser errante. Oh cego appetite! Oh deleite enganoso! Este fez que o valeroso Hercules rompesse os fios de seus trofêos, torcendo afrontosamente os fios de hũa roca. Este foy o que privou a Sansam da vista dos olhos, & quebrou nos cabellos o azilo das forças,

56 Eis aqui o que sois,

oh deliciosos, & Lascivos! Eis aqui o que saõ os vossos gostos, & deleites! Agora faço argumento de *maiori ad minus*: Se isto saõ os Monarchas, os Princepes, os Prelados, os Poderosos, & bem afortunados, os Deliciosos, & Lascivos: que serãõ os outros homens! Saõ os grandes espelho dos pequenos: vejàõ estes naquelles, como em espelho, a sua miseria, o que saõ, & hãõ de ser: *Pulveres, & in pulvere revertentur.* E se a diffinição daquella antecedente compete só ao homem, & a todo o homem: bem se segue que he boa diffinição.

57 Provado o antecedente, resta que tiremos a consequencia da lembrança: *Memento quia.* A nossa lembrança ha de ser a consequencia da nossa vileza. E tanto se segue hũa da outra, que ordenou a Igreja se nos puzesse todos os annos a cinza sobre a cabeça lugar da memoria, pera que continuamente trouxessemos na memoria que eramos cinza. Na cinza se nos poem por antecedente o que somos, pera que por boa consequencia

cia nós lembremôs: *Memento quia* Hũa das razoes entre muytas, porque nos importa a lembrança do que somos, & havemos de ser, se inclue nas palavras do mesmo thema: *Memento homo*: lembrate homem. Pedenos esta lembrança a Igreja em quanto homens, & racionais, pera mostrar que só seremos racionais, como homens. quando não faltarmos a esta lembrança. O esquecimento da mortalidade não he de homens racionais, mas de brutos, que não tem uzo de razão.

59 Celebre foy aquelle erro, que Victoria, & outros Authores attribuem a Platão. Que as almas dos homẽs defuntos passavão despois a animar corpos de brutos, q̃ nascião de novo: & com tal simpatia, & respeito aos corpos, que tinham deixado, q̃ as almas dos animofos passavão a ser almas de Leões: as dos feroses à Tigres: as dos brandos à Cordeiros: as dos ladroẽs à aves de rapina, &c. Eu não quero agora convencer a falsidade deste erro, só quero tirar delle alguma

moralidade. *60* Tomara eu saber em q̃ se fundou este Filosofo, pera dizer q̃ as almas, que sahiaõ dos corpos humanos, não tornavão a informar outra vez corpos de homens, mas corpos de brutos? Porque havião de passar de racionais à irracionais? Porque, como teve pera sy Platão, tanto q̃ as almas se apartavão dos corpos, passavaõ pelo rio Lethes, que he rio do esquecimento: & ahi se esqueciaõ do q̃ eraõ, & do que tinham sido, nem se lembravaõ da morte dos corpos, q̃ antecedemẽte tinhaõ deixado. E como de antecedente da morte, & mortalidade não tiravão por consequencia a lembrança, mas o esquecimento, não podiaõ ser almas de homẽs, senão de brutos. Porque esquecerse cada hum do que he, & da sua mortalidade, he de brutos irracionais, & não de homens, que tem uzo de razão.

61 Quantos passaõ por esse rio tornandose de homens brutos! O rio Lethes do esquecimento estava no caminho do Inferno: & muytos vão ao Inferno por este

este caminho. Oh quanto melhor he passar pelo rio claro do desengano, que pelo rio do esquecimento: Proxemos com a Escritura o pensamento, que acima fica. Notavel castigo foy aquella, que deu Deos a Nabuco tranſmutandoo de homem em fera: *Cor feræ detur ei*: & fazendo que paſtaſſe com os brutos em o campo aquelle, a quem adoravão os homẽs em o trono: *Fenum ut bos comedit*. Vioſe tab methamorfoſeoſi Que motivo teve Deos pera dar a Nabuco hũ taõ exquiſito genero de castigo?

62 Do capitulo ſegundo de Daniel conſta. Sonhou Nabuco aquelle horribeſonho da Eſtatua: & no meſmo ponto, em que ſonhou, ſe eſqueceo do ſonho: *Vidit Nabuchodonofor ſomnium, & ſomnium ejus fugit ab eo*. Tanto que mandou chamar os ſeus ſabios pera que lhe diſſeſſem o que tinha ſonhado. Que eſta foy ſempre a ſem razaõ dos grandes, quererem q̃ lhe adevinhem os pensamentos: não ſó o que quẽrem, mas o que ſonham. E que representava

este ſonho? Era hum enigma da ſua mortalidade, & morte, deſtruiçãõ de ſeu Imperio que todo havia de reduzir a cinzas o golpe da quella pedra.

63 E que mayor razaõ pera aquella mudançã? Eſquecerſe Nabuco da ſua mortalidade, da pouca ſubſiſtencia, que tinha a ſua grandeza, de que ſe havia de resolver em pò, & cinza: *Redactam in favillam*: iſſo o fez paſſar de racional a fera, que não tem uzo de razãõ: *Cor feræ detur ei*. Quando Deos o excitava por meyo da quelle ſonho ao conhecimẽto da ſua fragilidade, não ſer a conſequeſcia deſte antecedente a lembrança, mas o eſquecimento: *Somnium ejus fugit ab eo*: grande razaõ pera tenãõ computar como racional entre os homens, mas pera comer como irracional entre os brutos: *Fenum ut bos comedit*. O eſquecimento do que era lhe fez perder o ſer, que tinha: ſeja como bruto na vida, quem não ſoube cõmo homẽ lembrarſe da morte; por que eſta lembrança he propria do homem: *Memento homo*.

64 Apura de tal maneira o racional esta lembrança, que não só faz de brutos homens, mas de ignorantes sabios. *Vade ad formicam, & piger, & condera vias ejus, & disce sapientiam*: bradava Salamão. Se quereis alcançar os primores da sabedoria, oh ignorantes, cõsideray bem os caminhos das formigas. E que tem os caminhos das formigas, pera que nelles haja de ter o homem o exemplar de seus acertos, & o desterro de sua ignorancia? *Disce sapientiam*.

65 Muytos são os documentos, que podemos tirar destes caminhos. He tal a providencia das formigas, q̃ fazem celeiro no veraõ, perã o sustento no inverno. Nisto as devemos imitar, fazendo thesouro das boas obras no veraõ da vida pera o inverno da morte: no veraõ da mocidade, em q̃ estão as potências mais vigorosas, pera o inverno da velhice, em q̃ se achão as forças mais debilitadas. Porém o que me serve he outro documento.

66 Vão as formigas cõ o sustento hũas por montes, outras por valles: hũas por

caminhos largos, outras por estreitos: & assim hũas, como outras vão parar a hũa cova, que lhes serve de domicilio. Eis aqui a consideração, a que nos persuade o Sabio, pera alcance da sabedoria, & desterro da ignorancia: *Disce sapientiam*. Cõsiderem assim aquelles, que caminhão neste mundo pelos montes da grandeza, & da fortuna, como os que vão pelos valles da miseria: assim os que vão pelo caminho largo dos vicios, como os q̃ vão pelo caminho estreito da mortificação, que todos haõ de hir parar a hũa cova, que todos haõ de hir morar à sepultura.

67 Se quereis, oh Monarchas, ser sabios, consideray estes caminhos das formigas: *Considera vias ejus*: & vereis que a vossa pompa ha de vir a parar em hũa cova. Se quereis, oh validos, ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que a vossa privança vem a parar em hũa privação. Se quereis, oh Luzidos ser sabios, consideray estes caminhos: & vereis que o vosso lustre vem a parar em hũa sombra. Se que-

quereis, oh Avarentos, ser fabios, consideray estes caminhos, & vereis que as vossas muytas riquezas vem a parar em hũas pobres mortallas. Se quereis, oh Lascivos, ser fabios, consideray estes caminhos: & vereis que os vossos deleites vem a parar em tormentos. Se quereis, oh Narcisos, ser fabios, consideray estes caminhos; & vereis que a vossa galhardia se ha de tornar em hũa caveira. Na consideraçã destes caminhos se conseguem da melhor sabedoria os acertos: *Disce sapientiam*: não só tem esta consideração virtude pera fazer dos brutos homens, mas dos ignorantes fabios: *Vade ò piger*.

68 O esquecimento do que somos he a raiz de toda a nossa desgraça. Quem se não lembra do q̄ he, como saberà, o q̄ deve ser? Abramos os olhos pera ver a nossa miseria, que somos pò, & cinza: & logo os abriremos pera conhecer a luz da verdade. Quando Christo mandou a seus Discipulos prègar pelo mundo, entre outros conselhos, lhes advirtio, que se alleguem os não recebesse, nem

admitisse sua doutrina, facudissem o pò dos pès: *Quicumque non receperit vos, nec audierit sermones vestros: excutite pulverem de pedibus vestris*. E desta advertencia uzaraõ Saõ Paulo, & Saõ Bernabè, quando os não admitiraõ os Judeos de Antiochia, lançaraõ lhes o pò nos olhos: *Excusso pulvere pedum in eos, venerunt Iconium*.

69 E a que fim manda Christo aos Discipulos que facudão o pò dos pès? Como o homem he sacudo de pò, por mais que o sacuda de sy, sempre fica empoado. O intento de Christo era reduzir pelos Discipulos àquelles, q̄ estavão cegos, pera conhecerem a luz da verdade. E pera este fim não havia remedio mais conveniente, q̄ facudirem o pò dos pès: *Excutite pulverem de pedibus vestris*: pera que dandolhe o pò nos olhos: *In eos*: vissem o que eraõ, & que eraõ o mesmo pò, que viam: & desenganados assim abrissem os olhos pera verem a luz da doutrina, que lhes prègavaõ.

70 Assim o declara o  
Texto

Texto de São Marcos: *In testimonium illis*: pera testemunho da verdade. Cuidava eu que o pô nos olhos cegava, mas não he assim: o pô nos olhos da lembrança, & do conhecimento alumia; & por isso a Igreja nos encomenda hoje esta lembrança: *Memento homo*: pera desferro de nossa cegueira: pede ao racional esta lembrança, porque só quem tiver esta lembrança se mostrará racional: *Memento homo*.

71 Esta fideis he a conclusão do sermão: esta he a consequencia, que se deve inferir daquelle antecedente: *Memento quia*. Toda a outra consequencia, que não for esta, será consequencia em Barbara, ou barbara cõsequencia. Permitta Deos que a reducção deste Enthymema, seja a conversão da nossa alma. Que pertendeis, oh fideis? Immortalisarvos? Ponde a cinza sobre a cabeça, & entranhaya bem na memoria. A Fenix no fogo morre, mas nas cinzas se eterniza. No grego o mesmo he *Fenix* que *Palma*: & serem as cinzas, que hoje se nos poem sobre as cabeças, das

palmas, he para que se entenda, que por meyo desta lembrança, triunfaremos da morte, & renasceremos como a Fenix pera a eternidade.

72 Pera conseguirmos, esteja sempre presente em nós esta lembrança, não reservemos o defengano pera a hora da morte, porque he tarde: não esperemos morrer bem, vivendo mal. Este foy o engano de Balaam: *Moriatur anima mea morte justorum, & fiant novissima mea horum similia*: seja a minha morte como a morte dos justos, & os mesmos fins semelhâtes aos seus. Balaam ainda que profeta, era de má vida; porque era idolatra: & querer morrer como os justos, não vivendo ajustado: querer morrer bem, vivendo mal, grande delirio! Havia de dizer Balaam, como advertio hum grande Expositor: *Vivat anima mea vita justorum, ut moriatur morte justorum*. Quero ser semelhante aos justos na vida, pera ter como os justos a morte.

73 Assim como a eternidade depende da morte, assim



assim a morte depende da vida: *Atermitas à morte pendet, hæc à vita bona, vel mala*: diz o mesmo Expositor. E que remedio pera viver bem? O melhor remedio he trazer sempre a morte na lembrança. Imagine cada hum que em todo o lugar, & em toda a occasiã o espera a morte, pera lhe fazer tiro: & espera tambem com a prevençã, & com a cautela, como disse São Bernardo: *Ubique mors te expectat: tu verò, si sapiens fueris, ubique eam expectabis.*

74 Considere cada hum que a morte o espera de noyte, & de dia, & em toda a hora, & em todo o instante: q̄ o espera em caza, no caminho, na bonança, na adversidade, no jogo, no passatempo, na cama, na meza, na enfermidade, na faude, na mocidade, na velhice, na occasiã pecaminosa, no exercicio da virtude: *Ubique mors te expectat.* E com esta cõsideraçã andarã sempre prevenido pera os seus assaltos: *Ubique eam expectabis*: traga cada hum de nõs a morte na lembrança: *Me-*

*memento*: & logo nõ terã que temera a morte.

75 E vòs Senhor dayme licença pera que vos faça hũa petiçãõ: chego a fallarvos com confiança: porque como Abrahão conheço que sou pó, & cinza: *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis, & cinis.* Jã que por boca da Igreja nos encomendais, por consequencia do que somos, hũa lembrança: *Memento homo*: eu vos quero pedir com Job outra lembrança: *Memento quæso, quod sicut tutum feceris me, & in pulverem reduces me*: Lembrayvos que nos fizestes de lodo, barro, ou terra, que somos pó. Se a nossa malicia nos condena, tambem a nossa fragilidade nos desculpa. Lembrayvos que somos de lodo, & nõ he muyto que tanto nos enlodemos nos vicios: *Memento.* Lembrayvos que somos de barro fraco: & nõ he muyto que o barro se renda, & quebre: *Memento.* Lembrayvos que somos pó, & nam he muyto, que o pó com o vento da verdade se levante, & se esvaeça: *Memento.* Lembrayvos que

que fomos de terra : & não he muyto, que o nosso coração a ella se incline : *Memento.* Fazey, meu Deos, que o conhecimento do que fomos, em nós sirva para emmenda de nossas vidas: & em vós pera o perdão de nossas culpas, com o que se alcança a Divina graça pe-nhor da Gloria.





# SERMÃO

D A S

## LAGRIMAS DA MAGDALENA

P R E G A D O

NA SANTA CASA DA MISERICORDIA

da Cidade de Coimbra.



*Lachrymis cepit rigare pedes ejus Lucæ c.7.*

**A** Prodigiõsa cõ-  
verfaõ da mais  
exemplar peni-  
tente, as enter-  
necidas lagri-  
mas de hũa alma mais aman-  
te, faõ toda a materia deste  
Sermão, todo o assumpto de-  
ste dia: & quanto formo jui-  
zo do dia, me parece hum  
dia de juizo. Parece dia do  
juizo: porque he dia de co-  
nhecimento: *Ut cognovit*:  
parece dia do juizo; porque  
he dia em que se escurecem  
luzes: parece dia do juizo;

porque he dia, em que se  
acaba o mundo com dilu-  
vios: mas com hũa diferen-  
ça, que se no dia do juizo se  
ha de destruir o mundo com  
diluvios de fogo, & não de  
agoa, hoje vemos acabar-se  
pera a penitente Magdale-  
na o mundo com diluvios  
de agoa, & juntamente de  
fogo: os de agoa mostrão  
bem as correntes dos seus ol-  
hos: *Cepit rigare*: os de fo-  
go testemunhaõ os incêdios  
de seu peito: *Dilexit mul-  
tum*.

77 Já se acabou pera a Magdalena aquelle tempo, em que o mundo com lifongeiros enganos lhe prendia os affectos, & com mentirofas promessas lhe arrastava os cuidados; pois abrindo os olhos ao conhecimento, abraçou o defengano: *Ut cognovit.* E se d'antes por causa do temporal naufragava em hū mar de culpas: *Mulier in civitate peccatrix,* perdido o norte da virtude, quebrado o leme da razão, já agora, mudada de popa a proa, guiada por este leme, & seguindo aquelle norte, vem por hū mar de lagrimas aporta aos pès de Christo, donde lhe servem seus cabellos de amarras. Em pè se põem a Magdalena detraz das costas de Christo: *Stans retrò:* em pè, pera q' assim fosse choradas, culpas tão do allento cometidas; por se detraz das costas de Christo, ou foy industria de penitente, ou cõfusão de peccadora: ou foy industria de penitente, por não querer occupar cõ as vistas os olhos que trazia dedicados pera as lagrimas: ou foy confusão de peccadora; por recear apparecer

diate dos olhos, ou vistas de Christo, quẽ tanto tinha offendido com as vistas dos seus olhos. E se tanto teme a vista de Deoshūa Magdalena arrepedida, quãto mais deve temer hū peccador obstinado!

78 Posta assim a Magdalena aos pès de Christo, exhalando a alma em suspiros, estragando o coração com soluços, rebentando toda em amarguras, se virão seus olhos dous olhos d' agoa, ou duas fontes de lagrimas tão copiosas q' crescêraõ a rios: *Capit rigare.* Fonte sey eu que se converteo em luz, rio que se converteo em sol: *Parvus fons crevit in fluvium, & in lucem solemque conversus est:* mas trocados te vem hoje os termos desta cõvertida; pois vemos duas luzes convertidas em duas fontes, dous foes centros de tantos raios, feitos caudalozos rios, com que se regaõ as plantas de Christo soberana flor: *Ego flos campi:* & se as flores se regaõ pera a graça, & as plãtas se regaõ pera os frutos, tudo fez a Magdalena com suas lagrimas: regou a Christo como flor pera cõseguir a graça, regoulhe as plantas

plantas pera colher por fruto o perdaõ de suas culpas: & ficãrão tão viçofas estas plantas regadas com aquellas lagrimas, q̄ sendo plantas de hũa só flor, brevemente vierão a ser pès de dous cravos. Desta forte chorãrão os olhos da Magdalena os defatinos de seus mundanos empregos, & levãrão tanto a Christo os olhos estas lagrimas, que pera se ver, ou rever bellas como em espelhos chistalinos, houve de dar volta: *Cõversus ad mulierem.*

79 Oh se nestes chistalinos espelhos se vissem bem os que taõ empenhados andão na satisfação de seus gostos! Oh se nestas luzes de seus olhos souberão os mais cegos aprender os defenganos! Oh se nestes rios de lagrimas apagãrão os lascivos os incendios de seus ardêtes affectos! Não só condenou a Magdalena os olhos à satisfação das vistas, mas tambem os cabellos ao despique dos cuidados. As lagrimas q̄ derramavão os olhos alimpava cõ os cabellos: *Capilli capitis sui tirgebat*: final claro de q̄ os trazia soltos: & assim he; q̄ se nos cabellos se rephêraõ

os cuidados, soltos andavã os cuidados da Magdalena, & taõ livres como seus cabellos: mas fazendo ja delles laços pera os pès de Christo, recompensa com a prizão dos cabellos a soltura dos cuidados. Muyto deve a Magdalena aos seus olhos, mas não deve menos a seus cabellos; pois se as ondas dos olhos serviraõ de correntes pera regar os pès de Christo, tambem das ondas dos cabellos fez correntes pera os prender.

80 Recolhião os cabellos as lagrimas que derramavão os olhos; porque erão rios caudalosos, & estes tornãõ pera o mesmo principio dõde nascem: *Ad locum unde exeunt revertuntur*: assim aquelles rios de lagrimas fahiaõ da Magdalena pera os pès de Christo, & tornavão dos pès de Christo pera a Magdalena: & como derramadas desciaõ aos pès, & recolhidas sobiãõ à cabeça, passavão de hum extremo a outro extremo; q̄ procedendo de hũ amor excessivo, haviaõ de ser lagrimas extremosas. Mas oh que se descendo eram lagrimas,

subindo eraõ perolas: desciação lagrimas; porq̃ corriaõ dos olhos da Magdalena: subião perolas; porq̃ tinhão tocado os pès de Christo, & dignificadas com este contacto, ficavão perolas sem preço.

81 Desta sorte fazia a Magdalena não sô sacrificio de seus olhos, mas tambem de seus cabellos: oh se estes cabellos nos servirão de exêplo pera compor nossos pensamentos; que hum exemplo em cabeça alhea conduz muyto pera evitar os danos proprios. E he muyto pera notar dizer o sagrado Texto que eraõ cabellos de sua cabeça: *Capillis capitis sui*: E pode alguem uzar, ou pera o adorno, ou pera outro ministerio dos cabellos q̃ não são seus? Ainda mal que nos tempos de hoje não sô servem de laços pera as almas os cabellos proprios, mas de estímulos pera as culpas os cabellos alheios: & sendo os cabellos os pensamentos, grãde desgraça, q̃ não sô havemos de dar conta dos nossos pensamentos, mas dos pensamentos q̃ não são nossos: & chegaremos a estado, que não haverã hum pensamen-

to por onde se nos pegue, nê hum Anjo, que como ao Profeta nos pegue por hum cabelle.

82 Ao lavatorio das lagrimas, ao ministerio dos cabellos juntou a Magdalena a unção de muy preciosos unguentos, & o obsequio de mil amorosos osculos: *Osculabatur pedes ejus, & unguento ungebat*: & finalmente veyo a conseguir hũa plenaria absolvição de toda a culpa, & remissão de toda a pena: *Remittuntur ei peccata multa*: & assim aquella que dantes era cômum tropeço da culpa, se vê já agora milagre prodigioso da graça.

### AVE MARIA.

*Lachrymis caput rigare pedes ejus.*

83 **P**onderando hum <sup>Drogo</sup> Douto estas lagrimas de hoje, lhe descobrio quatro prerogativas no presente Evangelho, que as fazem mais dignas, & aventejadas a todas as outras que chorou a Magdalena. Paimeiramente merecêrão estas lagrimas o agrado, &

& aceitação de Christo; pois sendo as do sepulchro reprehendidas: *Mulier quid ploras?* estas toraõ louvadas: *Aquam pedibus meis non dedisti, hæc autem lachrymis rigavit pedes meos*: toraõ credito, & desempenho de seu amor; porque do muyto que chorou infirio Christo que amàra muyto: *Dilexit multum*: forão choradas em casa do Fariseo, em satisfação de culpas: *Ut cognovit quod accubisset in domo Pharisæi, &c.* finalmente conseguiraõ com muy singular modo na remissaõ das culpas o seu principal effeito: *Remittuntur tibi peccata tua*. Estas saõ as quatro prerogativas q̄ tiveraõ as lagrymas deste dia, pelas quaes julgou este Author q̄ deviã ser preferidas como mais dignas a quaesquer outras da Magdalena: *Quatuor his hodiernæ lachrymæ alijs præferri videntur.*

84 Eu sem fazer comparação entre hũas, & outras lagrimas da Magdalena; pois não he justo diminuir nestas pera louvar aquellas, me resolvi tomar por empreza neste sermão descobrir a estas lagrimas quatro titules

no thema, q̄ desempenhem aquellas quatro prerogativas, q̄ se cõtem no Evangelho. Serã desempenho da primeira prerogativa, o titulo de lagrimas eloquentes: da segũa, o de lagrimas superabundantes: da terceira, o de lagrimas publicas: da quarta, o de lagrimas efficacissimas. E assim veremos como pera o agrado, & aceitação de Deos, forã lagrimas eloquentes: pera desempenho do amor, lagrimas superabundãtes: pera cabal satisfação de culpas, lagrimas publicas: em o modo de conseguirem o seu effeito, lagrimas efficacissimas.

85 *Lachrymis*. Esta primeira palavra do thema nos abre o caminho pera o primeiro discurso. A seus olhos cometeo a Magdalena a satisfação de suas culpas, & as demõstrações de sua dor. He reparo commum dos Expositores porque não pedio a Magdalena perdãõ de suas culpas, & porq̄ não fez confissaõ dellas de articulando vozes, mas sô vertêdo lagrimas? *Lachrymis*. Que a Magdalena chore bem está; pois justo he que paguem seus

olhos chorosos o que estragará lascivos, mas que não falle, parece encôtrar os dictames da penitência. Não ensinão os Theologos que na penitencia ha de concorrer não só o arrependimento do coração, mas tambem a confissão da boca? *Cordis contritio, oris confessio*: Pois se este foi hum acto muy heroico, q̃ a Magdalena fez de penitencia: como não a compaña com a cõfissão da boca o arrependimento do coração? Rompia a Magdalena em vozes, pois rebenta seu coração em magoas: *Ex abundantia cordis os loquitur*.

86 Bem pudera eu responder a esta duvida, que era isto importante ao credito de seu amor; pois era amor excessivo: & nunca os excessos da afeição se deraõ bem a conhecer pelas dearticulaçoens da lingua: amor que se manifesta em linguas tem muyto pouco de fogo. He sentir de Cayetano q̃ o Espirito Santo quando desceo à terra, viera só com apparencias, ou semelhanças de fogo: *Apparuerunt dispertitæ linguæ tāquam ignis*: & assim

parece que o innue aquella palavra: *Tanquam*, que diz semelhança. E se o Espirito São he por natureza amor: *Deus charitas est*: & tambẽ se intitula fogo: *Deus ignis est*: como vem só com semelhanças de fogo, sendo na realidade amor? E como ser huma coula por semelhança he menos, & na realidade he mais, porq̃ razão sendo o Espirito Santo o mais, nos declara o texto o menos? *Tanquam ignis*. Direy: He verdade que o Espirito Santo he fogo, mas quando desceo à terra trāsformouse em linguas: *Apparuerunt dispertitæ linguæ*: & como sendo amor se manifestou em linguas, pareceo ter pouco de fogo; teve só de fogo as apparencias: *Tanquam ignis*: porque eraõ de linguas as realidades: *Dispertitæ linguæ*: como se ouvio o som, & estrondo das linguas: *Factus est repente de celo sonus, & apparuerunt, &c.* logo se não divisáraõ bem os incendios. E como não se conciliem bem os excessos da afeição com as vozes da lingua, por isso a Magdalena suspenderia as vozes por

não



não desacreditar os excessos.

87 Mas a razão que nos ferve pera o nosso intento he outra. Não fez a Magdalena caso das vozes, & toda se dedicou às lagrimas; porque as suas lagrimas forão as suas vozes. Assim o diz S. Ambrosio: *Crimina sua lachrymis exposuisse videtur*: forão lagrimas eloquentes, em mudeceo a lingua; porque fallarão os olhos. É assim era conveniênte à aceitação destas lagrimas; pois pera serem a Deos mais agradaveis, havião de ser eloquentes. Ha muyta differença entre as lagrimas eloquentes, & as lagrimas q̄ não são eloquêtes: estas como sejaõ sò objecto dos olhos, sò por meyo da vista grangeão a sua aceitação: aquellas como não sò se comprehêdão na esfera dos olhos por lagrimas, mas na dos ouvidos por vozes, tem dous caminhos pera conciliarem o agrado: donde se segue que sendo todas as lagrimas, que justificadamente se choram bem vistas dos olhos de Deos, as que são lagrimas, & juntamête vozes, são de Deos mais bem acci-  
tas, que as que não sen-

do vozes, são sòmente lagrimas.

88 Chorou El-Rey Ezechias, & chorou tambem El-Rey David: hūas, & outras lagrimas aceitou Deos: mas com hūa differença, que acho no texto, pois diz q̄ vira Deos com seus olhos as lagrimas de Ezechias: *Vidi lacrymas tuas*: & das lagrimas de David, diz q̄ as puzera Deos nos seus mesmos olhos: *Posuisti lachrymas meas in conspectu tuo*: puzestes Senhor (dizia David) as minhas lagrimas em os vossos olhos. Vay muyto de trazer Deos as lagrimas em seus olhos, ou pòr os seus olhos nas lagrimas: pòr os olhos nas lagrimas he velas, trazer as lagrimas nos olhos he estimalas: pòr os olhos nas lagrimas he ter lagrimas por objecto, trazer as lagrimas nos olhos he fazer das lagrimas prenda; pois communmente se diz que trazem nas mininas dos olhos a prenda que mais estimamios.

89 O que supposto, maior estimacão parece que fez Deos das lagrimas de David q̄ das lagrimas de Ezechias: & porq̄ causa? As lagri-

mas de Ezechias não eraõ lagrimas de hum homem justo? As de David não eraõ lagrimas de hum homẽ peccador? Sim: Pois haõ de ser mais bem aceitas de Deos as lagrimas de hum peccador, que as lagrimas de hũ justo? Sim. E a razão he, porque as lagrimas de Ezechias não foraõ lagrimas eloquentes; porque foraõ sómente lagrimas, & não vozes: do texto consta: *Audivi orationem tuam, & vidi lachrymas tuas.* Diz q̃ ouvira Deos a oração de Ezechias, & q̃ vira as suas lagrimas: foraõ logo estas lagrimas sómente objecto da vista de Deos: alem de que como Ezechias proferio cõ a lingua vozes: *Audivi orationem tuam:* quando verteo lagrimas dos olhos, & houve ahi distincão vozes de lagrimas, bem se segue que não foraõ as suas lagrimas vozes.

90 Porẽm as lagrimas de David foraõ lagrimas eloquentes; pois sendo lagrimas, foraõ juntamente vozes: *Auribus percipe lachrymas meas.* Percebei Senhor com os ouvidos (dizia David) minhas lagrimas: &

sendo as vozes objecto dos ouvidos, bem se infere que as lagrimas que se percebem com os ouvidos saõ vozes. E como foraõ vozes as lagrimas de David, & não foraõ vozes as lagrimas de Ezechias, eis ahi a razão porque não foraõ tambem aceitas de Deos as lagrimas de Ezechias, como as lagrimas de David: as de Ezechias he verdade q̃ foraõ termo de suas vistas: *Vidi lachrymas tuas:* as de David foraõ emprego das mininas de seus olhos: *Posuisti lachrymas meas in conspectu tuo:* as de Ezechias eraõ choradas por Ezechias, & ficavão nos seus olhos: as de David eraõ choradas por David, mas passavão aos olhos de Deos: & tanto vay de humas lagrimas a outras, quanto vay de estar nos olhos de hũ homem, a andar nos olhos de Deos.

91 E não saõ as lagrimas eloquẽtes mais bem vistas dos olhos de Deos, mas tambem melhor ouvidas, não só saõ pera Deos de mais agrado, mas o movem mais pera o remedio. Vejamos isto em hum lugar commum  
com

com novidade. No desem-  
 paro de hũa solidão se virão  
 Agar, & seu filho Ismael em  
 o mayor aperto: estalava Is-  
 mael de sequioso, & morria  
 Agar de compassiva: & pera  
 acodir Deos à afflicção do  
 filho, & remediar a angustia  
 da mãy, manda hũa Anjo, o  
 qual certifica a Agar que  
 compadecido Deos de tanta  
 lastima se movèra a lhe assis-  
 tir com o remedio. Porém  
 reparo eu em não dizer o  
 Anjo que se movèra Deos  
 das lagrimas de Agar, mas  
 das lagrimas de Ismael. Af-  
 sim o diz o texto: *Exaudi-  
 vit Deus vocem pueri*: & af-  
 sim o explica Alapide: *Agar  
 flevit, & puer Ismael: unde &  
 flentem eum audivit Deus*. E  
 que razão teria Deos pera  
 differir antes às lagrimas do  
 filho do que às lagrimas da  
 mãy? Julgãra eu que havia  
 de ser ao contrario: pois as  
 lagrimas de Agar parece fo-  
 rão mais finas por mais de-  
 sinteressadas.

92 Mostro-o assim. Is-  
 mael com as suas lagrimas  
 chorava a miseria propria:  
 Agar com as suas lagrimas  
 sentia a afflicção do filho: &  
 mais desinteressadas são a-

quellas lagrimas, com que  
 se choraõ os males alheyos  
 do que as com que se sentem  
 os danos proprios: & se as  
 de Agar foram mais desinte-  
 ressadas, como foraõ as de Is-  
 mael mais bem ouvidas? Co-  
 mo differe Deos a estas, &  
 nam àquellas? He a razão,  
 porque as lagrimas de Agar  
 nam foraõ vozes, & foram  
 vozes as lagrimas de Is-  
 mael: nam foraõ vozes as  
 lagrimas de Agar; porque  
 diz o texto que levantãra a  
 vòz, & que chorãra: *Le-  
 vavit vocem suam, & fle-  
 vit*: & como se valeo dos  
 clamores, ou das vozes,  
 quando verteo lagrimas,  
 claro está que não tiveram  
 as suas lagrimas efficacia de  
 vozes.

93 Porém as lagrimas  
 de Ismael enternecidas foraõ  
 vozes muy sonoras: *Exau-  
 divit Deus vocem pueri*:  
 ouviu Deos a vòz do mi-  
 nino, & foy o mesmo que  
 dizer, ouviolhe as lagri-  
 mas; poiq̃ só essas lagrimas  
 foram as suas vozes: *Unde, &  
 flentem eum audivit Deus*:  
 nem do texto cõsta q̃ profe-  
 risse Ismael outras vozes, cõ-  
 sta das palavras referidas q̃

chorou lagrimas: *Agar fle-  
vit & puer Ismael*: logo fo-  
raõ as suas lagrimas vozes:  
& como as lagrimas qua saõ  
vozes tenham mais virtude  
pera mover a Deos, por isso  
chorando Ismael, & junta-  
mente Agar, não diz o Anjo  
q se movera Deos das lagri-  
mas de Agar, mas das lagri-  
mas de Ismael: *Exaudivit  
Deus vocem pueri*. E como  
sejão bem aceitas, & ouvidas  
de Deos as lagrimas que saõ  
vozes, por isso a Magdalena  
faz vozes das suas lagrimas,  
por isso emmudecendo a lin-  
goa fallaõ seus olhos: *Crimi-  
na sua lachrymis exposuisse  
videtur*: por isso a estes co-  
mette a satisfacão de suas  
culpas: *Lachrymis cepit ri-  
gare pedes ejus*. E como não  
havião de ser a Deos muy a-  
gradaveis, lagrimas taõ elo-  
quentes? Como não havião  
de ser de Deos aceitas la-  
grimas taõ rethoricas?

94 E supposto forão vo-  
zes estas lagrimas, escute-  
mos hũ pouco o sentimento  
destas vozes. Eu sou a pec-  
cadora mais escãdalosa ( di-  
ria a Magdalena com suas la-  
grimas ) que vio o sol donde  
nalce, atè a onde morre o dia:

eu sou aquella, em quem ex-  
cederaõ os deface tões da cul-  
pa aos instantes da vida: co-  
mo complice em tantos de-  
litos venho buscar o sagra-  
do destas plantas: não me a-  
trevera eu chegar a ellas ad-  
vertindo a gravidade de mi-  
nhas culpas, mas deume a-  
lentos à cõfiança conhecer a  
grãdeza de vossa misericor-  
dia; pois sei muy bem que  
nesta fãte de piedade hei de  
achar muy liberaes as mise-  
ricordias, quando mais gra-  
ves minhas culpas. Aqui  
chego arrepedida, permitti-  
võs Senhor que daqui vã cõ-  
donada: se vos offendi com  
os olhos, & com o coração,  
aqui vos sacrificio todo o co-  
raçãõ pelos olhos: & se este  
atègora foy de bronze pera  
vossas vozes, já agora està de  
cera pera estas lagrimas. Se  
estraguey os meus cuidados  
nestes cabellos, aqui vos of-  
fereço em cada cabello hum  
cuidado: & se algum tẽpo fo-  
raõ perjudiciaes prizoõs pe-  
ra as almas agora saõ pera  
estes pès amorosos laços. A-  
ceitay o sacrificio deste meu  
coraçãõ; pois hum coraçãõ  
contrito he pera vòs o sacri-  
ficio mais aceito: *Cor contri-*

*tum, & humiliatum, &c.*  
 & nada falta pera este sacrificio, aqui se acha a victima, as prisoões, o cutelo, o sangue, o fogo, o altar. A victima he o coração que vos offereço: as prizoens são os cabellos, com q̄ vos prendo: o cutelo, a grãde dor com que me sinto: o sangue, estas lagrimas q̄ verto: o fogo, o muyto amor em que me abraço: o altar, estes pès a que me postro: postrada a elles constantemente protetto seguir sempre vossas pizadas. Sois caminho, sois vida, sois verdade, sois luz: como caminho dirigi meus passos: como vida infundime os alētos: como verdade desterray meus enganos: como luz desfazey minha cegueira. Estes serião os sentimentos daquellas lagrimas. Oh que lagrimas tão rethoricos, oh que eloquentes lagrimas! *Lachrymis, &c.*

95 Temos satisfeito à primeira prerogativa com o primeiro titulo, vimos como pera a aceitação de Deos foraõ as lagrimas da Magdalena eloquentes: segue-se agora satisfazer à segunda prerogativa com o segũdo titulo, mostrãdo como pera de-

sempenho do amor foraõ lagrimas superabũdantes, isto nos dizem as palavras seguintes do thema: *Capit rigare*: aonde le Tertuliano: *Capit innudare*. E pera formar melhor o discurso se me offerece aqui hum reparo. Estas palavras: *Capit rigare*: à vista tem hũa grande implicancia; porq̄ se a Magdalena chorou tantas lagrimas com ellas regou os pès de Christo, *rigare*, como diz o texto que começãra a chorar! *Capit*: & se só começou a chorar, como puderam regar os pès de Christo aquellas lagrimas? Como se podem concordar principios como diluvios?

96 Oh naõ implicam naõ estes termos: porque dizem ordem a diversos metivos. O *capit*, explica o que bastava pera a obrigação da Magdalena em ordem à satisfação das culpas, assim o diz hum Expositor. *Lachrymis capit... ut denotetur quod incipiendo flere totum negotium reconciliationis obtinuit*: o *rigare* declara o que pedia o excesso de seu amor: *Dilexit multum*. He verdade que pera a obrigação da

Magdalena bastava quaesquer lagrimas, mas pera desempenho do amor correraõ rios: pera o perdão das culpas bastavão os principios: *Cepit*, mas o amor aspirou a diluvios: *Rigare inundare*. Se concorrera a obrigação sem o amor, choraria a Magdalena as lagrimas que só fossem sufficientes, mas como concorria hum grande amor com a obrigação, haviaõ de ser as lagrimas superabundantes.

97 Duas pedras que eu já ponderey pera outro intento me haõ de dar agora cõ nova ponderação prova ao conceito. Em duas pedras achãtaõ os Israelitas no deserto agoa com que matar a sede, foi hũa a pedra de Horeb, & outra a pedra de Cades: & sendo estas duas pedras em acudir ao povo cõ agoa muy semelhantes, foraõ na quantidade bem differentes, foy mais liberal a pedra de Cades, do q̃ a pedra de Horeb: a pedra de Horeb deu sómente agoa: *Exibit ex ea aqua*: porẽm a de Cades deu agoa cõ abundancia, soltou-se em rios: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*: a de Horeb ajuf-

touse com as petiçoens do povo: pediu o povo agoa: *Da nobis aquam*, & isso mesmo deu a pedra: a de Cades excedeo as petiçoens do povo, & ao parecer, as promessas de Deos: pois pedindo o povo, & promettendo Deos hũa fonte de agoa: *Aperi fontem aquæ vivæ: cumque eduxeris aquam de petra*. a pedra deu agoa por muytas fontes: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*.

98 Encontradas temos estas pedras, que tambem as pedras se encontraõ. Pergunto: naõ concorria Deos em hũa, & outra pedra com sua virtude? Sim: pois como não daõ o mesmo effeito em quanto á quantidade? Reforço mais a duvida, porq̃ a pedra de Horeb parece havia de dar mais agoa, & a de Cades menos; pois na pedra de Horeb assistia Deos com a virtude, & juntamente com a presença (visivel digo) *En ego stabo ibi coram te supra petram Horeb*: & na pedra de Cades naõ assistia Deos com a presença, mas só com a virtude: & se a assistencia de Deos ao parecer foy mayor na pedra de Horeb que na  
de

de Cades, como foy mais liberal a de Cades que a de Horeb, dando esta agoa com sufficiencia, & aquella com superabundancia? He a razão. Em hũa, & outra pedra pera darem agoa ao povo côcorria a obrigação pelo titulo de creaturas. Bem sabem os Filofofos q̄ toda a creatura pela potencia obediencial està obrigada a se fogeitar, & obedecer a Deos: & como Deos determinava concorrer cõ estas pedras, como cõ instrumentos pera dar agoa ao povo, tinhaõ ellas obrigação de dar agoa ao povo, & obedecer a Deos.

99 Porèm com huma differença, que na pedra de Horeb côcorria só a obrigação; porque era sómente pedra: *Supra petram*: mas na de Cades côcorria a obrigação, & juntamente o amor; porque nam era qualquer pedra, senão pederneira: *Percutiens virga bis silicem*: & he cousa sabida que a pederneira encerra em suas entranhas o fogo symbolo do amor. E como na pedra de Horeb se achou a obrigação sem o amor, por isso deu só aquella agoa,

que era sufficiente: *Exibit aqua*: porèm na de Cades, como concorria o amor com a obrigação, deu agoa superabundante: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*: a de Horeb deu só huma vea de agoa; porque naõ tinha fogo nas veas: a de Cades como toda se abrazava em fogo, toda se destillou em agoa: a de Horeb ajustouse com as petições do povo, & cõ as promessas de Deos: a de Cades excedeo, ao que parece, as promessas de Deos, & as petições do povo.

100 Ajustado vem o lugar pera o intento. Não he a pedra pela dureza retrato de hum peccador, & ferida cõ o golpe da vara figura de hũ peccador tocado com a dor da penitência? *Virga penitentia cordis rigorem conterat*. Quem o duvida? Que outra cousa saõ as agoas mais q̄ as lagrimas? E tanto q̄ a Magdalena q̄ d'antes era penha na dureza se vio ferida com a dor da penitencia, & abrazada com o fogo de seu amor: *Dilexit multum*: soltou toda a corrente a suas lagrimas, não medindo o curso dellas, pelo empenho da obrigação,

gação, mas pelo desempenho do amor; q̄ se pera a obrigação bastavão lagrimas, pera desempenho do amor corrêraõ rios: se pera o perdaõ das culpas bastavam os principios: *Cæpit*, o amor só se satisfez com diluvios: *rigare*.

101 Oh lagrimas superabundantes! mas que muyto fossem superabundantes as lagrimas, se foy superabundante o amor. Muytos forão os peccados da Magdalena: *Peccata multa*, mas excedeo-os o amor: *Dilexit multum*, que no Hebreo monta tanto como: *Dilexit plus*. Peccou muyto, mas amou muyto mais, foy o non plus ultra do amor: & pera desêpenho deste haviaõ de ser superabundantes as lagrimas, não só ná copia, como tenho mostrado, mas també na duração, como mostrarey. Em todo o discurso de sua vida não parou em a Magdalena o curso de suas lagrimas, q̄ hũ amor de excessõ pedia lagrimas s̄ termo: *Cæpit rigare*: diz o texto q̄ começou a chorar, mas não diz q̄ acabou, assina principio às lagrimas, mas não lhe

apõta termo. Porêem ò Sãta penitête, se cõseguistes já o perdaõ de vossas culpas, como naõ pondes fim a vossas lagrimas? Se com esses rios estaõ já extintas as mãchas, como se não vẽ enxutos vossos olhos? Assim era importante pera desêpenho, & satisfação de feu grãde amor, por duas rezoens.

102 Seja a primeyra porq̄ ainda que estivessem purificadas as culpas, pedia o amor q̄ cõtinuassê as lagrimas pera sustento da alma. Duas razoẽs tem as lagrimas, tem ser lavatorio de culpas, porq̄ saõ com baptismo dellas, & tem ser sustêto da alma: porque saõ o feu sangue: & assim como o sangue he o alimêto do corpo, assim as lagrimas saõ o sustento da alma. Hum corpo que he vivente, como querem os Philosophos, ha de ter sempre o alimento do sangue por causa do calor natural, que continuamente obra: huma alma que he amante sempre ha de ter por sustêto as lagrimas em razã do fogo do amor, com q̄ perennemente arde: & assim permitirá o amor que cessem as lagrimas em quãto saõ lavatorio



rio de maculas, mas não consente que parem em quanto pasto, & sustento da alma: as lagrimas em quanto baptismo, basta que se chorem no estado da culpa, & bem se podem interromper no estado da graça: porém as lagrimas em quanto sustento, perennemête hão de correr, assim no estado da graça, como no estado da culpa.

103 Dous textos de David nos provão o pensamêto. Diz em hũ Psalmo q̄ pera chorar lagrimas, só havia de eger o silencio das noites: *Lavabo per singulas noctes lectum meum.* Diz em outro Psalmo que não só chorara em o silêcio das noites, mas pelo discurso dos dias. *Fuerunt mihi lachrymæ meæ panes die, ac nocte.* Nam ha duvida que em hũ, & outro Psalmo fallava David das mesmas lagrimas. O q̄ supposto, pergunto: como podião as mesmas lagrimas ser, & não ser continuas? Como diz David em hũa parte que as chorara perennemête não só pelo dia, mas tambem pela noite: *die, ac nocte:* se em outra parte só diz q̄ choraria de noite sem fazer mēçaõ

do dia? *Lavabo per singulas noctes, &c.* Nos mesmos textos temos a raziã. No primeiro fallava David das lagrimas em quanto lavatorio de culpas: *Lavabo:* & no segundo fallava das mesmas lagrimas em quãto sustento da alma: *fuerunt mihi lachrymæ meæ panes:* & entêdeo que se as lagrimas em quanto lavatorio de culpas se podião interromper, em quanto sustento da alma nũca deviãõ parar; & por isso em hum lugar se satisfazia com chorar só nas noites, & em outro tratou de chorar tambem nos dias.

104 Atêqui me vali do sentido literal, & tambem me serve o allegorico. Pela noite entende o Papa Innocencio a culpa, & pelo dia a graça: & quando David fallou das lagrimas como lavatorio, achou q̄ bastava choralas na noite, ou estado da culpa: *per singulas noctes:* mas quando lhe chamou sustento, entêdeo que tambem as devia chorar em o dia, ou estado da graça: *Die, ac nocte:* & se as lagrimas em quãto sustento da alma devem ser perennes, por isso a Magdalena

Lorin. in  
Psaln. 6

dalena não põe termo a suas lagrimas; porque nellas tinha o seu sustento: Assim o diz Lorino: *Magdalena reficiebat se suis lachrymis*: O continuo fogo em q̄ se abraçava sua alma pedia fosse a alimento continuo: & assim ainda que já estivessem purificadas as culpas, pera satisfação, & desempenho do amor não haviam de cessar as lagrimas.

105 A segunda razão porque era importante ao amor da Magdalena q̄ não cessassem as lagrimas he, porque ainda que estivessem extintas as suas culpas, não estava satisfeita a sede do seu amor que como era muy intenso, ainda estava sequioso. Poderão os rios de agoa extinguir o ardor do fogo mais abraçado, mas não podem rios de lagrimas apagar a sede de hum amor excessivo. E deve ser a razão, q̄ como as lagrimas são agoa muy ardente q̄ distilla o fogo, tão fora estão de o apagar, q̄ antes servem de o acender. Sempre achei difficuldade em concordar a sede que Christo teve na Cruz: *Sitio*, como o lançar agoa do peito: *Exiuit san-*

*guis, & aqua*: porque se esta sede procedia do muito fogo, q̄ ardia em seu coração, & neste estavaõ rios de agoa, como não apaga com tanta agoa tanto fogo? Pera que se queixa? *Sitio*: pois não justifica muyto a sua queixa quem em sy mesmo pode encontrar o remedio. *Direy*.

106 Estes rios de agoa, q̄ manarão do peito de Christo, disse São Cypriano, que eraõ rios de lagrimas: *Ex hoc fonte perennes lachrymarum effluunt rivi*: & como eraõ rios de lagrimas, & a sede de Christo procedia do intenso fogo de seu amor, não se apaga a sede do amor com rios de lagrimas: se essa agoa fora sòmente agoa, poderia extinguir o ardor do fogo, mas como eram lagrimas, não podião satisfazer do amor a sede; que como estas sejam agoa muy ardente, applicadas ao fogo tão fora estão de lhe mitigar as chamas, que antes lhe avivão mais os incendios.

107 Desate pois a Magdalena as correntes de suas lagrimas sem termo, não ponha registo a seus olhos, tenhaõ

nhaõ principio: *Cæpit rigare*: mas não têmão fim; porq̃ ainda que estão perdoadas as culpas, não estão extintos os incendios: & assim pera desempenho, & satisfação do amor sejão superabundâtes não sô na copia, mas na duração estas lagrimas: *Cæpit rigare: Cæpit inundare.*

108 Demos agora satisfação à terceira prerogativa cõ o terceiro titulo, vejamos como pera cabal satisfação, as lagrimas da Magdalena foraõ publicas: *Pedes ejus.* Buscou a Magdalena pera chorar suas culpas os pès de Christo, quando entre hũa numerosa multidão de cõvidados assistia em casa do Fariseo. *Ut cognovit quod accubisset, &c.* & não parecia mayor acerto buscar a Magdalena os pès de Christo em occasião de menor côcurso, & fugir aos olhos do mûdo, quando fazia a Deos sacrificio de seus olhos? Que como as finezas escondidas sejão mais qualificadas, sendo aquellas lagrimas ocultas, seriaõ mais bem aceitas.

109 Oh não, publicamête havia de chorar a Magdalena, assim o pedião as suas la-

grimas pera serem perfeita satisfação: assim o pedião em quanto lagrimas, & em quanto lagrimas da penitente Magdalena: em quanto lagrimas; porque assim como he conforme à sua inclinação o serem publicas, assim he contra sua natureza o serem occultas. Deve ser a razão q̃ como as lagrimas tem seu nascimento nos olhos, ou na vista, pedem andar sempre à vista dos olhos, como saõ naturaes das luzes, pedê ser manifestas. Lagrimas q̃ se choraõ occultas não saõ boas pera satisfação; porque alem de serem mui violentas, saõ pouco valiosas: saõ muy violentas, porque tem contra sua natureza o curso: saõ pouco valiosas, porque com difficuldade consegue por meyo dellas quem pertende, o despacho, ou quem padece, o alivio.

110 Bateo o Esposo em hũa occasião às portas de sua Esposa cõ a cabeça chea de orvalho: *Aperi miki soror mea... quia caput meũ plenu est rore, & cincinnati mei guttis noctium.* Por este orvalho se entêdem as lagrimas, porque o Chaldeo verte' assim.

*Quoniam capilli capitis mei pleni sunt lachrymis.* Em outra occasião chorou Jerusalém vendose em hum grande desamparo. *Plorans ploravit:* & assim as lagrimas que chorou Jerusalém, como as que chorou o Esposo me parecem pelo curso violentas: as do do Esposo, porque subirão à cabeça: as de Jerusalém; porq̃ parãrão nas faces: *Et lachrymæ ejus in maxillis ejus:* & tão to he contra a natureza das lagrimas o parar, como o subir; porque a sua inclinação he descer, não só em quanto agoa, como he notorio, mas em quanto lagrimas; porque o natural destas he descerem a buscar o coração centro donde nascem. O q̃ supposto hũas, & outras lagrimas me parecem violentas: as de Jerusalém; porq̃ parãrão; as do Esposo, porque subirão: & bem se vê que quando estas subião à cabeça, ficavaõ pelos cabellos. Mais. Com as suas lagrimas não alcançou o Esposo o despacho que pertedia; pois lhe não abriu a Esposa a porta. *Expoliavi me tunica mea:* nem tambem grãgeou Jerusalém com suas lagrimas o alivio que procu-

rava: *Non est qui consoletur eam.* Foraõ lagrimas sem remedio.

111 Pergunto agora. O motivo das lagrimas do Esposo não era hũa grande saudade? O das lagrimas de Jerusalém não era hũ notavel desamparo? Sim: Pois se saõ tão naturaes os motivos, como saõ tão violentas as lagrimas: se nascem de tão justificadas causas, como não conseguem os seus effeitos? Porque hũas, & outras foraõ lagrimas occultas; pois se chorãrão de noite: lagrimas da noite erão as do Esposo: *Guitis notium:* de noite foraõ tambem choradas as lagrimas de Jerusalém: *Plorãs ploravit in nocte:* & como não tiverão testemunhas estas lagrimas, antes ao chorar se occultãrão com as sombras da noite, tiverão o curso violento; por isso humas subirão, por isso outras parãrão: nem por meyo das suas lagrimas conseguio o Esposo o despacho, nem por meyo das suas alcançou Jerusalém o remedio: *Non est qui consoletur:* ainda q̃ o Esposo chore não se lhe frãqueão as portas da Esposa pera a entrada: por mais

mais que chore Jerusaleem ha de achar fechadas pera o alivio as portas.

112 E se tanto he contra a natureza, & valor das lagrimas o não serem publicas, por isso eu dizia que as da Magdalena pera boa satisfação devião ser publicas em quanto lagrimas. E cõ mais razão o devião ser em quãto taes lagrimas, ou em quanto lagrimas da penitente Magdalena. Tinha sido peccadora publica: *Mulier in civitate peccatrix*: & pera cabal satisfação devião ser tambem publicas as lagrimas. O peccado publico não sò offende a Deos, mas tambem offende ao mundo: offende a Deos com a sua malicia, & ao mudo com o mau exemplo: & como he offensa do mundo, & mais de Deos, ha de ser de tal sorte a penitencia, que se dê satisfação a Deos, & juntamente ao mundo: & assim os peccados publicamente cometidos pera terem o perdão, hão de ser publicamẽte chorados.

113 Seja a prova do presente Evangelho. Aos pés de Christo tinha já a Magdalena chorado lagrimas sem

termo, & feito obsequios sem limite, & depois de feitos tantos obsequios, de vertidas tantas lagrimas, diz o texto que se cõvertèra Christo pera a Magdalena: *Cõversus ad mulierem*: & antes que entre com o reparo, quero notar a differença que houve entre Pedro penitente, & a Magdalena arrepedida. Primeiro se converteo Christo a Pedro, q̃ Pedro se cõvertesse a Christo: *Conversus Dominus respexit Petrum*: eis ahi Christo convertido a Pedro: *& egressus foras flevit amare*: eis ahi Pedro convertido a Christo: porèm a Magdalena primeiro se converteo a Christo, que Christo se convertesse à Magdalena: primeiro foi em Christo o ver: *Respexit*: do que em Pedro o chorar: *Flevit*: na Magdalena primeiro foi o chorar: *lachrymis cepit*: que em Christo o ver: *Conversus*: os olhos de Christo causaráõ as lagrimas de Pedro: as lagrimas da Magdalena roubaraõ os olhos de Christo.

114 Mas indo ao nosso intento. Ainda agora se converte Christo à Magdalena? Não ensina a Theologia que

no mesmo ponto em que o peccador se cõverte a Deos, se converte Deos ao peccador? Pois se a Magdalena desde que sahio de sua casa buscar a Christo, vinha convertida, & estava desengana-da: *Ut cognovit*: como ainda agora depois de tãtas lagrimas, depois de tantos obsequios se converte Christo à Magdalena? Reforcemos esta duvida com outra tambem do texto. Saõ algũs Authores de parecer que dera Christo à Magdalena o perdãõ de suas culpas quando proferio estas palavras: *Remittuntur ei peccata multa quoniam dilexit multum*. Pois agora de presente lhe dà o perdãõ: *Remittuntur*: quando o amor foy de preterito? *Dilexit*: Esse amor não foy o motivo, ou causa do perdãõ? *Quoniam dilexit*: pois como lhe não dá Christo o perdãõ em o mesmo ponto em q̄ teve o amor?

115 Direi o q̄ me parece. He verdade q̄ antes de chegar a Magdalena aos pès de Christo estava no interior amante: *Dilexit*: & no seu coração convertida: com tudo não tinha ainda dado sa-

tisfaçãõ ao mundo; porq̄ como seus peccados foraõ publicos, publica havia de ser tambem a satisfacão. Porém agora q̄ a dàtaõ cabal à vista de tãtos cõvidados; pois vêm q̄ aquelles olhos, q̄ d'antes profanos offendèraõ a Deos com suas vistas, já agora chorosos o linsongeam com suas lagrimas: Que aquelles cabellos, q̄ d'antes por asseados foraõ hum laberynto do engano, já agora arrastados por terra saõ glorioso triunfo do arrependimento: que aquella boca donde sahirãõ tãõ inhonestas palavras, toda se desfaz em amorosos osculos: q̄ aquelles perfumes, q̄ em outro tẽpo dirigia a vaidade pera seu adorno, já agora os offerece aos pès de Christo por obsequio: q̄ aquella q̄ d'antes dava as costas a Deos, & o sequito ao mudo, já agora dá as costas ao mudo, & o sequito a Deos: *Stans retro*: que aquella que dantes fazia tanto caso das galas, agora sò faz gala da penitência, trocado o alinhõ em desalinhõ, o cõcerto em desprezo: finalmente q̄ todos aquelles instrumẽtos, q̄ foraõ da culpa estimulos, saõ já da

Aliqui  
ap. Sylv.  
1. 3.

da graça trofeos: pois agora q̄  
dã tão cabal fatisfação ao mū-  
do; pois o edifica com seu ex-  
emplo quem dantes o offen-  
dia pelo escandalo, agora se  
converte Christo à Magdale-  
na: *Conversus ad mulierem:*  
agora se lhe perdoão seus pec-  
cados: *Remittuntur ei pecca-  
ta multa.*

116 Respeitou o perdã-  
mão só o amor, mas tambem  
as lagrimas; o amor; porque  
com elle se converteo a Deos:  
as lagrimas, porque com ellas  
fatisfez ao mundo: & por isso  
o texto quando fallou das la-  
grimas em ordem ao perdoão,  
poz lhe esta particula causal:  
*propter quod dico tibi, &c.* &  
fallando do amor, tambem  
lhe poz causal: *Quoniam di-  
lexit.* E como s̄o tendo a fa-  
tisfação da Magdalena publi-  
ca, era cabal fatisfação, por il-  
so busca os pès de Christo: *Pe-  
des ejus:* quando assiste entre  
tantos convidados, pera que  
não só chorando muytas la-  
grimas, mas chorandoas aos  
olhos de muytos, fossem pe-  
ra cabal fatisfação lagrimas  
publicas.

117 Temos desempenha-  
do a terceira prerogativa com

o terceiro titulo. Demos cõ-  
plemento à quarta, mostran-  
do como em o modo de con-  
seguirem seu effeito foraõ ef-  
ficacissimas estas lagrimas.  
Em o mesmo tempo que a  
Magdalena cõ suas lagrimas  
regava os pès de Christo, la-  
vava tambem as manchas de  
sua alma. Disse-o elegante-  
mente hum Douro: *Capit ri-  
gare pedes, & capit lavare* Calama-  
*maculas:* & se foraõ copiosas<sup>us.</sup>  
as lagrimas em o regar das  
plantas, foraõ tambem effi-  
cacissimas em o purificar das  
maculas. Tem as lagrimas pe-  
nitentes por effeito transferi-  
rem hũa alma do infelice es-  
tado da culpa ao venturoso  
estado da graça: Isto fizeraõ  
as lagrimas da Magdalena,  
mas fizeram mais do que isto;  
pois de forte lavaraõ as suas  
manchas, que lhe não deixã-  
raõ vestigios: de tal modo  
a deixaraõ pura, como se dan-  
tes não fosse peccadora.

118 Assim o innue S. Joã  
Chrysofomo nestas palavras  
fallando da Magdalena: *Vir* Chrysof.  
*gines quoque ipsas honestate*  
*superavit.* Diz q̄ excedeo na  
pureza às q̄ por virgens sem-  
pre foraõ puras. Pois se as

virgens foraõ innocentes, & a Magdalena peccadora, como podia exceder huma peccadora na pureza às innocentes? Parece que o Santo não considerou a Magdalena peccadora quando lhe chamou mais pura, não devia de se lembrar dos peccados, quando lhe considerou as lagrimas. Oh lagrimas de singular efficacia! As outras lagrimas penitentes de qualquer peccador purificão as culpas de sua alma, mas nunca as apagaõ da nossa memoria: mas as da Magdalena tiveraõ tal efficacia que as apagaõ da memoria, quando as extinguiram da alma. Poucas horas havia que a Magdalena tinha sido peccadora, mas esses peccados, que estavão tão perto pela existencia, estavam muy longe pera o conhecimento, & pera a lembrança.

119. No mesmo texto temos a prova. Estranhando o Fariseo a Christo deixarse tocar da Magdalena, disse desta sorte: *Hic si esset propheta, sciret utique quæ, & qualis est mulier quæ tangit eum, quia peccatrix est*: Se este fora profeta, sem duvida co-

nhecera que a mulher q̄ tem a seus pès he peccadora. Se este fora profeta! Pois não era a Magdalena hũa peccadora publica? *In civitate peccatrix*: Quem o duvida? Pera conhecer hũa peccadora, que he publica acha o Fariseo que he necessario ser Christo profeta? Sim, disse bem o Fariseo sem saber o que disse. Este seu dizer foi mysterio, quando mais quiz calumbiar a Magdalena, então a canonizou mais. O dom de profecia he hũa illustração sobrenatural comque o entendimento conhece o que naturalmête não alcança: com o dom de profecia se conhecem aquelles objectos, que estão muy longe do conhecimento das potencias, & muy remotos das operaçoens dos sentidos. 120. Pois mysteriosamente diz o Fariseo que só hum profeta pode conhecer que a Magdalena foy peccadora, q̄ isso querem dizer estas palavras: *Quia peccatrix est*: porque de forte aquellas lagrimas apagaõ as culpas não só da sua alma, mas do nosso conhecimento, que pera as conhecer o entendimento humano se ha de ajudar



judar de huma illustração divina: está já tam longe da Magdalena o ser de peccadora, que pera se saber que o foy, he necessario hum dom de profecia: *Si esset propheta*: tão efficazes foraõ aquellas lagrimas, q̃ não sò fizerão perecer as culpas em quanto à existencia, mas tambem deapparecer de toda a lembrança. Mais digo q̃ pera triunfo de tão singular penitente parece quiz Deos que não sò esquecessem as culpas, mas tudo aquillo que podia despertar a memoria dellas.

121 Querendo o Evangelista São João explicar quem era Maria irmã de Lazaro, disse que era a mesma, que ungiu os pès de Christo com unguento, & os alimpou com os cabellos: *Maria autem erat, que unxit Dominum unguento, & exersit pedes ejus capillis suis*. Nisto que o Evangelista diz da Magdalena se refere ao que obrou neste dia em casa do Fariseo. Mas parai sagrado Evangelista, q̃ pareceis diminuto na narração. Dizeis que a Magdalena ungiu os pès de Christo, que lhos alimpou, & não dizeis q̃

chorou lagrimas? Se à vista das lagrimas ficão os mais obsequios a perder de vista, como fazendo menção dos mais obsequios que obrou amante, passais em silencio as lagrimas q̃ chorou penitente? Entendo q̃ foy direcção do Espírito Santo q̃ movia a penna do Evangelista.

122 Os mais obsequios q̃ a Magdalena fez a Christo não diziaõ de sy. ordem a culpas, pois os fez tambem a Magdalena depois de justificada, como consta dos Evangelistas; porèm as lagrimas que chorou em casa do Fariseo diziaõ ordem a culpas, pois como lagrimas penitentes, necessariamente as suppunhaõ. E q̃ fez o Evangelista governado pelo Espírito Santo? Repetio os mais obsequios, & callou as lagrimas, pera que com ellas senão despertasse a lembrança das culpas; que como o ser penitente suppoem o ser peccadora, pera que se não lembre que foy peccadora, não se diga que foy penitente: não se faça menção das lagrimas que chorou por culpas, porque se não excite a memoria das culpas na repetição das lagrimas.

Pera credito de tão singular penitencia sepultemse de todo suas culpas no esquecimento.

123 Este foy o effeito, que conseguirão as lagrimas da Magdalena com a sua efficacia. E como foraõ singulares na efficacia, tambem foraõ singulares no effeito, de sorte lhe lavãraõ as maculas: *Capit lavare maculas*: que fizerão nella hũa extraordinaria mudança. Quem visse a Magdalena depois de convertida a julgaria muy outra da que foi seado peccadora; que como com huma tão grande dor a derribou hum desmayo aos pés de Christo, ficou de todo alienada: & ainda que com os muytos borrifos de agoa tornou em sy, não tornou a sy. Pedro no carcere tornou em sy, & tornou a sy: *Ad se reversus*: tornou em sy; porque despertou do sono com que dormia: tornou a sy; porque ficou o mesmo que dantes era. Porém a Magdalena tornou em sy com os borrifos de agoa, mas não tornou a sy: tornou em sy; porque despertou do letargo dos vicios em que estava adormecida: não tornou a sy; porque ficou

muy outra da que dantes fora.

124 E a qui se vio bem a singular efficacia de suas lagrimas, porque as outras lagrimas penitentes deixão huma alma com o mesmo ser, & só a mudão a novo estado: porém as da Magdalena não fô a puzerão em outro estado, mas parece lhe deraõ ser distinto. Assim parece o deo a entender Christo no que disse ao Fariseo: *Vides hanc mulierem?* Vedes vós esta mulher? E se Christo sabia muy bem que o Fariseo estranhava ter a seus pés a Magdalena, como pergunta se a via? *Vides hanc mulierem?* Oh não pergunta Christo ao Fariseo se via a Magdalena, mas se via aquella: *Hanc*: porque aquella era já outra Magdalena; como se dissera ao Fariseo: chama-lhe peccadora? *Quia peccatrix est*: pois não vedes esta: *Hanc*: porque esta que vedes não he a que foy peccadora: essa era huma, porém esta he já outra; porque foy tal a efficacia de suas lagrimas, que não só a passou de hum estado a outro estado, mas de hum ser a outro ser. Grãde foy o numero

ro de suas culpas: *Peccata multa*: mas foy mayor o effeito de suas lagrimas: *Ubi abundavit delictum superabundabit, & gratia*. Abundou a culpa, mas superabundou a graça. Oh lagrimas tão heroicas, que se fostes copiosas no correr, fostes efficacissimas no lavar! *Cæpit rigare pedes, & cæpit lavare maculas*: se fostes abúndantes pela causa, tambem fostes vigorosas pera effeito!

125 Tenho dado satisfação da sorte que pude ao que prometti, & desempenhado as quatro prerogativas, q̄ fazem as lagrimas de hoje mais dignas com os quatro titulos que tirei do nosso thema. Vimos como pera o agrado, & aceitação de Deos foraõ lagrimas eloquentes: pera desempenho do amor superabundantes: pera cabal satisfação lagrimas publicas: pera conseguirem o seu effeito lagrimas efficacissimas. Vimos tambem o fruto que a Magdalena tirou das suas lagrimas: permitta Deos que destas lagrimas colhamos nós algum fruto. Oh se nestas lagrimas que correm dos olhos da Magdalena penitente pu-

zeramos nõs os olhos, pera chorar muytas lagrimas atrependidos! Em hũa occasiãõ q̄ Christo vio chorar a Magdalena, rompeo o seu sentimento em lagrimas: *Ut videt eam plorantem lachrymatus est Jesus*: & se aquellas lagrimas moverãõ a Christo à piedade por saudosa, quanto mais nos devem mover estas à imitação por penitentes. *Cujus saxæum pectus illæ hujus peccatrici lachrymæ ad exemplum penitendi non emolliant*; diz Saõ Gregorio Papa. Que coração haverã tão duro, que com o exemplo destas lagrimas se não torne brando?

126 Ah olhos de peccadores que tão offendeis a Deos com vossas vistas, aprendei da Magdalena a chorar sem termo vossas culpas, & ainda q̄ de chorar cegueis, deixai, que melhor vos será ficar cegos, q̄ cahir em tanta cegueira. Tomai por exemplar aquelle mayor exemplo da penitencia, que chorou toda a vida seus peccados: primeiro se lhe acabaraõ os alêtos, que se lhe enxugassem os olhos. Doze annos teve de peccadora, & trinta de penitente, & ficou

excedendo muyto o tempo de penitente ao tempo de peccadora, & com razaõ; porque qualquer peccado de hum instante se devia chorar por toda a vida, mas ainda mal que os peccados de hũa vida toda não choramos por hum sò instante; tanto se occupaõ nossos olhos em ver, sem q̃ se abraõ hũa hora pera chorar, passase hum anno, outro anno, hũa quaresma, outra quaresma, não fazemos penitencia quando he tempo, & às vezes nos vem a falar o tempo pera a penitencia.

127 Adverti fideis, que todo o tempo que não choramos, he tempo que perdemos: & perder o fruto das lagrimas, oh que grande perda! Porque as lagrimas não só são lavatorio de culpas, mas tambem servem de abrandar a Christo em sua dureza, & mitigar os rigores de sua justiça: servem de abrandar a Christo em sua dureza, porque as lagrimas são agoa, & Christo pedra, & tanto dá a agoa na pedra, até que a faz abrandar: servem de mitigar os rigores da Divina justiça; pois Deos quando cas-

tiga he fogo: *Deus ignis consumens est*: & como as lagrimas são agoa, quem duvida, tem a agoa virtude pera mitigar a actividade do fogo. Estes são os frutos que se colhẽ das lagrimas. Pois pera colher das lagrimas estes frutos, que nos detem! Que nos prende! Hum mundo que he hum delirio! Hum mundo que he hum engano!

128 Oh voltemos como a Magdaleha as costas ao mundo, cortemos os laços deste laberynto, que nos enreda, sigamos os passos daquelle Deos, que nos chama, & prostrados a seus pès, como a Magdalena, digamos com nossas lagrimas. A vossos pès meu bom Jesvs alcançou a Magdalena o perdão de suas culpas: mas soube-o grangear com suas lagrimas; porque vos amou muyto: *Quoniam dilexit multum*. Inflamai pois a dureza de nossos coraçõens pera que ateadas nelles as chamas de vosso amor, à imitação da Magdalena se destilem em lagrimas, & se purifiquem de culpas: & assim contritos todos, & arrependidos

me;



130 Porèm q̄ importa descobrir estes caminhos, ou enigmas se com elles não evitey as difficuldades; pois se encerraõ tãtas difficuldades nestes tres enigmas, ou tres caminhos, como confessou o mesmo Salamão: *Tria sunt difficilia mihi. Viam aquilæ in celo, viam colubri super petram, viam navis in medio mari.* Se investigar estes caminhos, & perceber estes enigmas foy arduo ao juizo do mayor Sabio, como não será impossivel ao meu juizo? O caminho da Aguia penetrando os ares he muy subido: o da cobra reptando sobre a pedra he muy aspero: o da Nao cortando os mares he muy profundo. Em o do ar não se podem dar passos: em o da pedra não se pôde hir sem tropeço: em o do mar não se pôde tomar pè.

131 Ora parece que dei no segredo destes enigmas, no mysterio destes caminhos, valendome da doutrina do mesmo Salamão nas palavras seguintes: *Tria sunt difficilia mihi. Viam aquilæ in celo, viam colubri super petram, viam navis in medio mari.* E diz logo a diante: *Talis est via*

*mulieris adulteræ.* Sabeis, diz Salamão, qual he o significado destes tres caminhos? He o caminho de hũa mulher peccadora por deshonestã, que adulterãdo mysticamente, empregou em o mudo o amor q̄ era devido ao Esposo Divino de nossas almas.

132 E qual foy a mulher por antonomasia deshonestã, senão a Magdalena? *Mulier quæ erat in civitate peccatrix.* Este he o titulo que lhe dá o Evangelho. Temos pois hoje representada nestes tres enigmas, ou caminhos a prodigiosa cõversaõ daquelle mulher, que sendo dantes o mayor escandalo do mundo por deshonestã, foy depois do mundo a mayor edificação por penitente: daquelle mulher, que hindo dantes tão defencaminhada da vereda da gloria, deu hũa volta à vida, & buscou o verdadeiro caminho arrependida. Assim entende aquelle texto no sentido accomodaticio Henrico de Engelgraxe: *Talis est via mulieris adulteræ* Serm. de Magdalena. *hoc est Magdalena, quæ antea fuit peccatrix, & postea fuit penitens.*

133 Eis aqui nos dividio Sa-

Salamão nestes tres enigmas, ou tres caminhos o assumpto do fermão em tres discursos, que hirãõ por esta ordem. No primeiro veremos a Magdalena em sua conversão Aguia voando ao Cèo: no segundo Nao em o meyo do mar: no terceiro Serpente sobre a pedra. O primeiro enigma nos mostrarã as lagrimas da Magdalena impetuosas, & velocissimas no curso: o segundo, excessivas na copia: o terceiro, prodigiosas no effeito. O thema nos ha de meter nestes caminhos, ou a caminho, & por não hir fora de caminho, não me afastarey do thema.

134. He o primeiro enigma da cõversaõ da Magdalena o caminho da Aguia pelo ar, ou pelo Cèo: *Viã aquila in Cælo.* E não seria melhor geroglifico destas penitêtes lagrimas, hũa Rola com seus lastimosos gemidos? ou hũa Salamãdra? Pois qual outra Salamãdra a Magdalena vive desde hoje entre os incendios do fogo de seu amor: *Dilexit multum:* Ou a Fenix? Pois como Fenix renasceo hoje entre chamas: *Dilexit:* & entre aromas: *Attulit alabastrū un-*

guenti. Mas hũa Aguia?

135. Sim. He a Aguia symbolo de hũa conversão penitente; porque nella se acha hũa renovação mysteriosa. Quando a Aguia se vê envelhecida, cõ os olhos quasi cegos, & as azas pezadas, vai banhar se em os christaes de hũa fonte: & alli posta aos rayos do Sol, reconcẽtrãndose por Antiparistasis dentro o calor, purifica cõ aquellas agoas seus olhos, muda as penas antiguas em pennas novas: & desta maneira a q̃ já era envelhecida, fica renovada cõ os olhos claros pera os fitar em os rayos do Sol, & as azas expeditas pera voar ao Ceo.

136. Assim o affirmã muitos Authores, os quaes refere Lorino expõdo aquelle verso do Psalmo de David: *Renovabitur ut aquila juven-*

Lorini  
tem. 3.  
in Psal.

*tus tua.* E por esta renovação da Aguia entendem a renovação de hũa alma pela penitencia. He tambem propriedade da Aguia voar cõ grande velocidade, como testemunha Plinio, & outros, & assim se colhe da Sagrada Escritura: *Aquilis velociores.* E principalmente quando se renova: *Aquilla cum*

*renovatur citius volat*: diz Plinio.

137 Appliquemos ao intento, & primeiro em quanto à renovação. Vendose a Magdalena qual Aguia racional envelhecida não em os annos, mas em os vicios: *Erat in civitate peccatrix*: aquelle: *Erat*: significa diuturnidade de tempo: cega pera a luz da razão, & da verdade, destituida das azas do amor, pera voar a Deos, foy buscar a fonte da vida Christo: *Apud te fons vitæ*: & formando tambem em seus olhos duas copiosas fontes de lagrimas, posta aos rayos do Divino Sol: *Stans retrò secus pedes ejus*: se começou a banhar naquellas fontes: & recolhendo, ou extinguindo dentro de seu coração o fogo do amor, que andava divertido em o mundo, pera se abraçar toda em o amor de Christo: *Dilexit multum*: purificou os olhos de tanta cegueira cõ o collyrio daquellas lagrimas: & despindo as pennas antigas, vestio novas pennas, mudando de amor profano em amor Divino, de cuidados distraihidos em hum desengano resolutos, & huma

Fé constante: *Fides tua te salvam fecit*.

138 Vejamos a segunda propriedade da pressa: & abramos o caminho a primeira clausula do nosso thema: *Ut cognovit*. No mesmo ponto, em que à Magdalena se illustraõ os olhos do entendimento, foy logo como Aguia buscar a Christo naquella meza de Misericordia: *Quod accubisset*: pera que lhe desse o pasto da alma: *Quasi Aquila festinans ad comedendum*: porque de longe o tinha divisado com a perspicacia da vista: *De longè oculi ejus prospiciunt*.

139 Tinha sido a Magdalena Aguia adulterina: *Via mulieris adulteræ*: que com as azas dos appetites voava pera a terra, & não pera o Cèu, fitava os olhos nas sombras dos vicios, & não em os rayos do Sol. Mas tanto que na renovação se lhe mudaraõ as azas, & se lhe purificaraõ os olhos: *Ut cognovit*: logo cõmo generosa Aguia os converteo das sombras do mundo pera os rayos do Sol Divino: logo voou da terra pera o Cèu, do estado da culpa pera o da graça, ministrando lhe



o amor azas nas lagrimas, fer-  
vindolhe de ar os suspiros.

140 Voou a Magdalena de  
sua casa pera os pès de Chris-  
to com as azas do amor: dos  
pès de Christo pera o mesmo  
Christo, pera o Cèo, & pe-  
ra a graça, não lò com as  
azas do amor, mas com as a-  
zas das lagrimas, as quaes taõ  
impetuosamente rebentãrãõ  
em seus olhos, que no mesmo  
pòto, em que conheceo, cho-  
rou: *Ut cognovit, lachrymis  
cepit.* A mysteriosa conver-  
saõ da Magdalena chamou S.  
Pedro Chryfologo hũa su-  
ave consonancia de musica, a-  
onde as lagrimas eraõ as vo-  
zes, as ternuras os quebros:  
& nesta musica consonancia  
se apressou tanto a Mag-  
dalena, que do *Ut: Ut cog-  
novit:* subindo ao Sol: *Stans  
retrò secus pedes ejus:* chegou  
ao là: *Lachymis cepit:* der-  
retendo aos pès de Christo o  
coraçõ em lagrimas, que fo-  
rãõ azas, com que a Magda-  
lena voou ao Cèo. São as la-  
grimas as melhores azas pera  
hũa alma voar a Deos.

141 Ouvio Ezechiel o es-  
trondo das azas, com que vo-  
avãõ aquelles quatro Espiri-  
tos, que no entender de Al-

cazar, representavãõ as almas  
justas: *Audiebam sonitum  
alarum:* & lhe pareceo como  
o som de muytas agoas: *Quasi  
sonum aquarum multarum.*  
E que tem que ver as azas cõ  
agoas? As agoas correm, as  
azas voã: as agoas descem, as  
azas sobem: como logo com-  
parou o Profeta o estrepito  
das azas ao estrondo das a-  
goas? Não as comparou pe-  
lo que as agoas em sy saõ, mas  
pelo que significãõ. As agoas  
symbolitaõ as lagrimas: & co-  
mo estes Espiritos voavãõ pe-  
ra Deos, o mesmo eraõ azas  
que lagrimas: porque sam as  
lagrimas as melhores azas,  
com que hũa alma pòde voar  
a Deos.

142 E sendo as lagrimas  
azas, com que huma alma voa  
pera Deos, as da penitente  
Magdalena o foraõ, naõ sò  
por serem lagrimas, mas por  
serem taes lagrimas, ou frutos  
de sua admiravel penitencia.  
Refere Cassaneo no seu Cata-  
logo de *gloria mundi* que em  
Hibernia ha hũa arvore, cu-  
jos frutos saõ taõ prodigio-  
sos, que no mesmo ponto,  
em que tocãõ na agoa, se ani-  
mãõ, & vestindose de azas  
voãõ por esses ares ao Cèo:

Qui

*Qui fructus in aquis dimerfi, mox animati in aera peninis volant.* Qualquer creatura humana he hũa arvore, como ensinou o Filosofo: *Homo est arbor inversa: & disse aquelle cego do Evangelho: Vide homines velut arbores, &c.* E hoje foy a Magdalena arvore frutifera, que deu frutos de penitencia maravilhosos.

143. Dous principaes generos de frutos, entre muitos, considero nesta penitente arvore, & duas fontes, em que tocaraõ. Hum fruto foy o do amor, ou contriçaõ: *Dilexit:* outro foy o das lagrimas: *Lachrymis cepit:* O fruto do amor tocou na fonte, ou rio das lagrimas, que sahia do coração, aõde o amor tambem resiliu: os frutos das lagrimas, cahindo aos pès de Christo, tocaraõ em outra fonte, que era a fonte da vida: *Apud te est fons vitæ.* E assim as lagrimas como o amor se animaraõ de sorte, q̃ ficaraõ com azas, ou sendo azas, com que a Magdalena voou ao Cèu, & afeunir com Christo. Deixemos as azas do amor; porque he mais commum ter o amor azas:

vamos às azas das lagrimas.

144. Como o mesmo impero, com que as lagrimas reben-taraõ nos olhos da Magdalena, foraõ voando a render o coração de Christo: *Vulnerasti cor meum in uno oculo tuorum.* São Bernardino Senense explica este Texto à letra da Magdalena penitente: *Quod percutit sponsum usque ad vulnus, lachryma est.* Despediraõ os olhos da Magdalena dos seus arcos settas de lagrimas penitentes ao coração de Christo. Foraõ estas lagrimas azas, & juntamente settas: foraõ settas; porque traspassaraõ o coração de Christo: *Vulnerasti cor meum. Quod percutit sponsum usque ad vulnus, &c.* Foraõ azas; porque não só fizeraõ voar o coração da Magdalena pera Christo, mas tambem o coração de Christo pera a Magdalena.

145. *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt:* são palavras do Espofo Christo ditas à Magdalena, conforme a intelligência do mesmo São Bernardino Senense: apartay de mim, oh Magdalena, os vossos olhos; pois com suas penitentes la-

grimas me roubãrão tão ve-  
lozmente o coração, que o fi-  
zerão voar de mim pera vòs.  
E sendo estas lagrimas settas,  
& juntamête azas, forão mais  
velozes em quanto azas,  
do que em quanto settas;  
porque antes que despedi-  
das dos olhos da Magdale-  
na, ferissem o coração de  
Christo, transferirão o cora-  
ção de Christo pera os olhos  
da Magdalena: *Avolare fece-  
runt*: lem outros: *Transfule-  
runt*.

146 *Vulnerasti cor meum in  
uno oculorum tuorum*. Hum  
novo, & bom reparo se me of-  
ferece aqui. Feristeme, oh  
Magdalena, o coração em hũ  
de vossos olhos? Improprio  
parece este modo de fallar. Se  
os olhos com as suas lagrimas  
forão os instrumentos, & cau-  
sas daquellas feridas: porque  
não diz o Esposo, feristeme  
com hũ de vossos olhos? *Vno  
oculorum tuorum*: mas em  
hum de vossos olhos? *In uno*.  
Aquelle: *In uno*: denota mais  
o lugar, aonde o coração do  
Esposo foy ferido, do q̃ o in-  
strumento, cõ que foy traspa-  
fado. Se a Magdalena ferio o  
coração de Christo em seus  
olhos: logo estava nos olhos  
da Magdalena o coração de

Christo. Assim parece.

147 Fizeraõ primeiro a-  
quellas lagrimas o officio de  
azas, que o emprego de settas.  
Eu me explico: rebentãram  
nos olhos da Magdalena a-  
quellas penitêtes lagrimas cõ  
tanto impeto: *Vi cognovit*: q̃  
namorado o coração de Chris-  
to do impetuoso das lagrimas  
voou primeiro pera os olhos  
da Magdalena: *Avolare fece-  
runt*: do q̃ as lagrimas lhe fi-  
zessem tiro ao peito: primeiro  
as lagrimas como azas fizeraõ  
voar o coração, q̃ como settas  
o chegassem a ferir: & assim  
quando fizeram como settas  
seu emprego no coração: *Vul-  
nerasti*: não estava já o cora-  
ção no peito de Christo, mas  
nos olhos da Magdalena: em  
os seus olhos foy ferido: *In u-  
no oculorũ tuorum*: porq̃ pera  
os seus olhos estava já trasla-  
dado: *Avolare fecerũt: trans-  
tulerunt*.

148 Houve entre o coração  
de Christo, & as lagrimas da  
Magdalena hũa emulação a-  
morosa. Despedião os olhos  
da Magdalena as setas de suas  
lagrimas pera renderẽ o cora-  
ção de Christo. E q̃ fez o cora-  
ção de Christo já rendido?  
Voou primeiro cõ o impulso  
das lagrimas pera os olhos da

Magdalena: *Ipsi me avolare fecerunt.* Deste modo roubão o coração de Deos as lagrimas penitentes, que com mais pressa se chorão. Grande confirmação deste pensamento temos em o mesmo lugar. *Vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum, in uno crine colli tui:* Roubasteme o coração, oh Magdalena, com as lagrimas de vossos olhos, & em hum cabello. Coração, que se rende pelos cabellos, mais se entrega por violencia, que por fineza.

149 Não está aqui o meu reparo, mas na fraze do texto. Que hũ só cabello da Magdalena baste pera prender o coração de Christo, não me admira. Mas parece que havia de dizer: roubasteme o coração com hum de vossos cabellos, & não em hum de vossos cabellos: *In uno crine.* Oh que foy mysterioso dizer. Que significão os cabellos?

*Ita Lat. res.* Os pensamentos: *Capilli sunt cogitationes:* diz São Gregorio: logo em hum cabello he o mesmo que em hum pensamento. Quiz mostrar o Esposo Christo quanto lhe agradara a pressa, com que dos olhos da Magdalena brotãrão

aquellas fontes de lagrimas: & disse que se lhe roubãrão muyto o coração por serem lagrimas choradas por culpas, muyto mais por ser choradas em hum pensamento: *In uno crine:* em hum conhecimento instantaneo: *Vt cognovit.*

150 Em hum pensamento brotãrão aquellas lagrimas dos olhos da Magdalena, & em hum pensamento renderão o coração de Christo. Oh que bem fez a Magdalena em se valer do remedio das lagrimas tanto que se lhe illustrou o entendimento: se pera cometer as culpas andou cegamente inadvertida, pera a emmenda dellas se mostrou discretamente apressada: em hum pensamento acodio, em hum pensamento chorou a distrahição de tantos pensamentos: *Vt cognovit:* Chora a Aguia quando se vê cativa, & preza pelo caçador (como disse Solino) chorou a Magdalena tão que alumia da pela Divina Graça se vio metida em o laço de tantas culpas. E pera soltar as correntes, que lhe tinhaõ posto as culpas, soltou velozmente as correntes de suas lagrimas.

151 Oh lagrimas impetuosas, com que a Magdalena, qual outra Aguia das azas grandes, voou a desentranhar a medulla do Cedro do monte Libano, que he o mesmo que o coração de Christo! *Aquila grandis magnarum alarum tulit medullam Cedri.* Aquella Aguia, que dantes como ave de rapina arrebatou tantos coraçãoes humanos destituída das azas das lagrimas: *Dilata calvitium tuum sicut aquila, quoniam captivi ducti sunt ex te:* agora já Aguia renovada, formando das lagrimas azas, voou a fazer preza no coração Divino: remontandose tam alto em o Céu da Igreja militante, que deixou a perder de vistas as almas mais aballizadas por penitentes.

152 Na carroça, que vio Ezechiel voavão todos aquellos Espiritos pera Deos: porèm a aguia mais que todos: *Desuper ipforum quatuor.* E he digno de reparo, dizer o texto que a face da Aguia hia eminente aos outros: *Facies aquilæ desuper ipforum quatuor.* Bem. Se a Aguia excedia aos mais nos voos, se voava sobre os mais: porque

não diz o texto que as azas da Aguia hiaõ superiores aos mais, mas que sò a face lhes hia eminente? *Facies aquilæ desuper, &c.*

153 Dizey. Nestes Espiritos se representavam as almas, que em grao mais subido forão justas, & penitentes (conforme a intelligencia de Alcazar) na Aguia se symbolisava a Magdalena: *Viam aquilæ.* E como as azas com que a Aguia, & os mais voavão pera Deos, eraõ as lagrimas: *Quasi sonum aquarum multarum:* o mesmo foy dizer o texto que a Aguia sobrepujava aos mais com a face, que com as azas; porque as azas eraõ as lagrimas, que brotavão em a face: *Facies aquilæ desuper.* Os viventes, que voão na região do ar, tem as azas em os hõbros: porèm as almas penitentes, que voão pera Deos, tem as azas em os olhos, porque as suas azas saõ as suas lagrimas. E com estas azas se remontou tanto a Magdalena nos voos em o Céu da Igreja militante, que deixou muyto a perder de vista aos mais aballizados penitentes: *Desuper ipforum quatuor.*

154 Todos os mais tiverão nas suas lagrimas azas: mas as da Magdalena forão azas de Aguia, com que voou sobre todos. Porém ainda reparo. Se a Aguia com os outros fazia numero de quatro, porque não diz o texto que voava mais que os tres? E se voava sobre os quatro: logo voava sobre sy mesma. Assim parece. Tãto se apressou nos voos da terra para o Céu com as azas das lagrimas, que não só sobrepujou aos mais, mas a sy mesma se excedeo: *Desuper ipsorum quatuor*. He a Aguia, a que tem a coroa de Emperatriz entre as avez: he a Magdalena a que como Rainha tem a coroa entre as almas penitentes; por isso Magdalena se interpreta: *Coronata*.

155 Não parão aqui os prodigiosos voos desta Aguia. Forão tão meritorias as suas lagrimas, & azas tão maravilhosas, que não só fizeram voar o coração da Magdalena pera Christo, & o coração de Christo pera a Magdalena, mas tambem parece que fizeram voar os thesouros do peito de Christo pera remedio dos homens.

Rompeo o odio às lançadas o peito de Christo: & advitio o Evangelista que saíra o sangue com grande pressa: *Continuò exivit sanguis*: & tanto que parece que veyo com azas. Assim o entende hum Escrituario applicando ao sangue do Sacramento, q̄ foy este do peito, aquelle lugar de Malachias: *Et sanitas in pennis ejus*.

156 Pergunto. Porque fazia mais apressado o sangue do peito, que o outro sangue das mais partes do corpo? O outro só ha de correr, & este ha de voar? Sim; porque só o sangue do peito sahio juntamente com agoa, em a qual se reprezetaõ as lagrimas penitentes, como disse São Cypriano: *Ex fonte lateris, cõpunctionis, & lachrymarum perennes effluunt rivi*: & conforme São Bernardino Senese, Zerda, & Mora, naquella agoa se symbolisavão as lagrimas da penitente Magdalena, que como setras penetrãõ o peito de Christo: *E cordis latebris hos fontes emisit, ubi sponse lachrymas conservabat*: diz Zerda. No sangue do peito se continhão incomparaveis thesouros de

*Serpen.  
ii. Chron  
Euch. v.*

graças, que manavão pera remedio dos homens: *De latere Christi exierunt sacramenta.*

157 E como sò este sãgue veyo unido com as lagrimas penitentes da Magdalena, q̄ eraõ azas, & não o outro: eis ahi a razão, porque o outro sabia mais vagaroso, & este mais apressado: o outro pera o remedio dos homens correo, este voou: *Continuó exiit sanguis: sanitas in penis ejus:* as lagrimas como azas fizeraõ voar pera o remedio dos homens aquelles thesouros. Oh lagrimas prodigiosas! Que não só fostes azas, com que o coração da Magdalena voou pera Christo, & o coração de Christo pera a Magdalena: mas tãbem fizestes voar os thesouros daquelle peito pera o nosso remedio.

158 Oh prodigio mayor da penitencia neste Cèo da Igreja militante! *Signum magnum apparuit in celo.* Mulher com azas de aguia: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ:* que foraõ as suas lagrimas. Com estas triunfou daquelle Dragaõ infernal, que

tinha sete cabeças: *Habens capita septem:* & foraõ os sete demonios, ou peccados, que Christo lançou fora de Magdalena: *De qua ejecerat septem demonia.* Com estas azas voou ao deserto, aonde fez penitencia atè o fim da vida: *Vt volaret in desertum.* Finalmente com estas azas voou pera Deos no mesmo ponto, em que conheceo: *Vt cognovit.*

159 Oh lagrimas impetuozas! Oh se a conversão da Magdalena servisse hoje pera o nosso exemplo, assim como serve pera a nossa admiração! *Signum magnum.* Se como a Magdalena caimos em tantas culpas: porque nos não levantamos logo como a Magdalena? Oh Aguias, que no mundo voaes com as azas da fortuna! Oh Aguias, que na Academia voaes com as azas do engenho! Voay voay cõ as azas das lagrimas penitentes. Os outros voos tẽ limitada esfera, não passaõ da terra: os das lagrimas chegão ao Cèo. Se tanto voaes pera as temporalidades, não deis passos lentos pera a conversão de vossas almas.

160 Aquelles quatro Espiritos da Cartoga, diz o texto, que em algũas occasioens davão passos: *Cum ambularent*: em outras, que davaõ voos: *In similitudinem fulguris coruscantis*. E a razão, a meu entender, està no mesmo texto: *Ibant, & revertentur in similitudinem fulguris coruscantis*: Aquelle *revertentur*: verte Vatablo:

Refert.  
Alia?

*Convertentur se quocunque Deus jubebat*: o voltarem, era converteremse pera Deos, ou pera onde Deos os movia, & excitava, era darem huma volta à vida: *Circumvolvabant*: lem outros. E se pera os outros fins davaõ sòmente passos: *Cum ambularent*: pera a conversãõ davaõ voos, hiaõ como hum rayo: *In similitudinem fulguris coruscantis*.

161 Hũa alma não se ha de converter a Deos com vagar. Grande exemplo temos hoje naquella peccadora, de quem celebramos a cõversaõ. A penas abrio os olhos pera o defengano: *Vt cognovit*: quando como Aguia com as azas das lagrimas voou ao remedio: *Lachrymis cepit*: voou ao Cèo: *Viam aqui-*

*le in celo*: banhandose de tal modo nas fontes das lagrimas, que de envelhecida nas culpas, se tornou Aguia renovada pela graça.

162 O segundo enigma desta prodigiosa conversãõ he o caminho da nao em o meyo do mar: *Viam navis in medio mari*. A nao em o

Verbo  
Navis.

meyo do mar tem dous sentidos, como diz Berchorio, em hum sentido representa hũa alma peccadora, que naufragando entre as ondas do mundo, ou dos vicios se vay a pique ao Inferno: *Anima peccatrix est quasi navis, quæ pertransit fluctuantem aquã*. Em outro sentido symbolisa hũa alma justa, que navega com bonança pera o porto da gloria: *In bono sensu per navim in mari intelligitur anima justa*. Em hum, & outro sentido foy nao a Magdalena: nao quando peccadora, nao quando convertida. Ora deitamos esta nao ao mar, & primeyro ao mar do mundo: *Mulier, quæ erat in civitate peccatrix*: despois ao mar das lagrimas: *Lachrymis cepit rigare*.

163 Entregouse às ondas do



do mar deste mundo a nossa Nao Magdalena, engolfouse em o pègo dos vicios com muytos galhardetes, que serviaõ de ornato ao mastro, ou monstro da vaidade, & perfunção. Era esta nao capitania de muytas, que a seguiaõ; por ser por antonomasia a peccadora: *In Civitate peccatrix*. Nella hia por general o Principe das trevas com a sua quadrilha: *De qua ejecerat septem demonia*: pera a conduzir com as mais do E-gypto do mundo ao porto do Inferno: *Intravit in E-gyptum copiosa navium multitudine*. Era nao de guerra; pois cõ ella o demonio a fez a tantas almas. O piloto q̃ a regia, era hũ cego, o amor profano sem experiencia, nem doutrina.

164 Andava engolfada em o mais alto do mar, & como nao capitania levava em sy mayor carga, era grande o pezo, & assim começou a fluctuar entre as ondas: levantou-le a tormenta, sobreveyo a tempestade, alteraraõse os mares, escureceose o ar com as nuvens da cegueyra, de sorte que se não via Cèo, nem Sol. Fazia a nao agoa por muytas

partes; porque eraõ muytas as portas por donde entrava a fomer-gela, por todos os sentidos, & pelas potencias todas. Sopravam os ventos das tentaçõens furiosamente em as velas dos appetites, q̃ pendiaõ da entena da soltura, & liberdade.

165 Pelo q̃ errada totalmente a viagem; porque afastada de Christo verdadeyro caminho: perdido o norte da virtude, sem o leme da razão, ou consciencia, sem o forol do fogo do amor Divino, sem a anchora da Fè, & Esperança, sem o lastro da Humildade, sem o prumo da Prudencia pera sondar a altura dos mares, & conhecer os perigos, sem as amarras da Constancia, hia encaminhando à perdição: aqui dava em Scylla alli em Charybdis: perigava em hũ destes extremos viciosos; porque não queria seguir o meyo da virtude: finalmente hia dando no boqueyrão do Inferno, hia se a pique. E que remedio?

166 Começou a arrojaraõ ao mar a carga, & pezo das culpas: reconheceo por capitãõ general, não ao Principe das trevas, mas ao

Príncipe das luzes. Succedeo na Nao Magdalena, o que aconteceu àquella nao, em que hiam os Discipulos. Estando Christo fóra da nao levantouse a tempestade, & viose quasi somergida: *Navicula autem in medio mari jactabatur fluctibus*: entrou Christo em a nao, & logo cessou a tormenta: *Et cum ascendi set naviculam, cessavit ventus*. Da mesma forte, tanto que a Nao Magdalena deu entrada a Christo, logo se converteo a tormenta em serenidade, a tempestade em bonança.

167 É mudando de hum piloto cego em outro lince, que foy o defengano: trocada a cegueira em luz do conhecimento: *Ut cognovit*: seguindo o norte da virtude: tendo já por leme o dictame da consciencia: por forol o fogo do amor Divino: *Dilexit multum*: por anchora a Fè, & Esperança: *Fides tua te salvum fecit*: por lastro a Humildade: *Stans retrò se cù pedes ejus*: por prumo a Prudencia: trocados os ventos furiosos das tentações em brandos zefiros das inf-

pirações Divinas, com cujo impulso se movia, & excitava: as velas dos appetites lascivos em affectos bem ordenados, tomou outro rumo.

168 E se dantes era capitania das almas peccadoras, já agora he guia das almas penitentes: se dantes nao guerreira, já agora nao pacifica: *Vade in pace*: se dantes levava o grande pezo das culpas, agora leva por carga innumereis perolas em suas lagrimas, pedaços de ouro em seus cabellos, preciosos unguetos, & ricos alabastrros: *Attulit alabastrum unguenti*: que tudo vay off:recer aos pès daquelle Senhor, que he Senhor de tudo. Se dantes o pezo das culpas a derriba, agora o àr dos suspiros a levanta: se dantes, navegando por hum mar de vicios, hia já dando à costa, agora navegando por hū mar de lagrimas acha em as costas de Christo o porto da salvação: *Stans retrò*: aqui lançou anchora servindolhe os cabellos de douradas amarras: *Capillis capitis sui tergebat*. Eis aqui aquella nao peccadora: *Pec-*

*catrrix*: feita já nao penitente: *Lachrymis caput rigare*.

169 Navegou esta Nao por hū mar de lagrimas. E aqui veremos a segunda prerogativa destas lagrimas, que he serem excessivas na copia: *Lachrymis caput rigare*: Começou a Magdalena a regar as plantas de Christo com os rios de suas lagrimas, pera delias colher os frutos da vida. E se estas lagrimas sahindo das fontes já eraõ rios: *Rigare*: q̄ seriaõ na continuação senão hum mar? Se nos principios foraõ inundações: *Caput inundare*: vertem alguns: que havião de ser depois senão hū Oceano? Como procediaõ de hūa contrição heroica: *Dilexit multum*: claro está q̄ havião de competir com a immensidade de hum mar.

170 As lagrimas de Jerusalelem comparou Jeremias à grandeza do mar: *Velut mare*. Representava Jerusalelem aqui no sentido mystico hūa alma peccadora arrependida: *Loquitur de anima peccatrice*: diz o Alapide. E como aquellas lagrimas nasciaõ de hūa contrição heroica: Mag-

Alap.  
bic.

na est *velut mare contritio tua*: como não havião de ser hum mar aquellas lagrimas? Pera desafogo de qualquer outra dor, por mais activa que seja, bastaraõ lagrimas, que sejaõ fontes, ou rios: mas pera desempenho de huma perfeita contrição de culpas, haõ de ser as lagrimas como hum mar. As outras lagrimas poderaõ ter limite, ou medida: as lagrimas perfeitamente penitentes não admittem medida, nem limite.

171 Pera sustento do povo de Israel chovia todos os dias o Manná em o deserto, & cõ o Manná cahia juntamente o orvalho: *Cum què descenderet nocte supra castra nos descendebat pariter & Man*. E não lemos que o povo colhesse o orvalho, nem que Deos o mandasse. Agora entra o meu reparo. Se assim o orvalho, como o Manná era beneficio, que cahia do Cèu: porque não mandava Deos ao povo que colhesse o Manná juntamente com o orvalho? E como o orvalho não cahia liquido senão congelado. *Ros ergò* (diz o Alapide) *non significat rorulentum vaporem, sed condensatum,*

*& conglaciatum*: ficava capaz de se colher.

172 Reforço mais a duvida passando ao sentido mystico. Assim como o Mannà era figura do Sacramento da Eucharistia, assim o orvalho era symbolo das lagrimas perfeitamente penitentes, com que nos havemos de dispor pera o receber: logo pera se conformar bem a figura com o figurado, primeiro, ou igualmente havia de colher o povo o orvalho cõ o Mannà. Digo que não era conveniente, antes repugnante à natureza do orvalho q̃ se colheesse pelo mesmo estillo com que Deos mandava colher o Mannà.

173 Mandava Deos que cada hũ colheesse do Mannà o que lhe bastasse, & por huma medida chamada Gomor, que correspondia a hũa quarta, & que por esta fosse razado: *Colligat unusquisque ex eo quantum sufficit ad vescendum: Gomor per singula capita. Et mensi sunt ad mensuram Gomor*: E não era justo que colhessem por este estillo o orvalho; pois como symbolifava as lagrimas perfeitamente penitentes, estas não se co-

lhem por medida: sem medida se haõ de colher; porque sem termo se haõ de chorar: medir, ou razar estas lagrimas, que pedem ser sem medida, & sem limite, repugna a toda a boa razaõ: não se ha de colher as lagrimas penitentes sò o que basta: *Quantum sufficit ad vescendum*: mas o que sobra.

174 Dar Deos a hũa alma o dom de lagrimas penitentes por medida, & com limite, sendo na realidade beneficio, pelo que tem de lagrimas, pela limitação parece castigo. Queyxavase David a Deos profeticamente em nome do povo cativo em Babilonia, & dizia assim: *Quousquè irascèris? Cibabis nos pane lachrymarum, & potum dabis nobis in lachrymis?* Atè quando, Senhor, atè quando ha de perseverar pera cõ nosco a vossa indignação? Mostrarvos-eis ainda irado dandonos lagrimas por sustento?

175 Bem. O dom das lagrimas não he favor da Divina Misericordia? Quem o duvida? Como logo o avalia David por effeito da sua vingança? *Quousquè irascèris?*

De

De mais que o povo cativo em Babilonia representa os peccadores prezos com os laços das culpas em a Babilonia do mundo: pelo que no sentido mystico fallava David das lagrimas penitentes. E q̄ mayor beneficio pera os peccadores que o dom das lagrimas penitentes?

176 Sabem porque David o reputou por castigo? Porq̄ considerava que daria Deos ao povo estas lagrimas por medida. Veção: *Cibabis nos pane lachrymarum, & potum dabis nobis in lachrymis in mensura?* Por ventura dar-noseis, Senhor, o dom de lagrimas penitentes coartado, & por medidas? *In mensura?* Isso, Senhor, em lugar de remedio parecerà castigo: *Quousque irascèris?* Ainda que seja, em quanto dom de lagrimas, beneficio de vossa Misericordia, o limitalas, & medilas parece effeito de vossa Ira. Lagrimas perfectamente penitentes não se haõ de medir; porque haõ de ser como hum mar.

177 Pedem de sua natureza nem ter limite na copia, nẽ termo na duração. Assim o ensinou meu grande Padre

Santo Agostinho: *Continnè dolendum de peccato, ut semper puniat in se ulciscendo, quod commissit peccando.* E a razão pôde ser. Porque o peccado he hũa offensa infinita, ou *simpliciter*, como querem muytos Theologos, ou *secundum quid*; como dizem outros: & por elle se cõdena o homem à pena eterna: & assim pera ser mais cabal a penitencia, parece que se haõ de eternizar as lagrimas, haõ de ser como infinitas.

178 Oh que bem se ajustou a Magdalena cõ este dictame! Chorou muyto, & chorou sempre: *Per totam* Refert. Engel. grav. tom. 4. *vitam nunquam à lachrymis temperavit:* diz Agostinho.

Por copiosas, & perennes me parecem as lagrimas desta Santa penitente na apparencia perpetuas, & infinitas. Tudo nos mostra o Evangelho. Não tiverão estas lagrimas fim, & parece que não tiveram principio: não tiverão fim; porque diz o texto que a Magdalena começou a chorar: *Capit:* não nos diz que acabou. Nos mais obsequios falla o Evangelho com determinação, diz que ungiu, que alimpou, que deu osculos:

*Tergebat, ungebat, osculabatur*: mas quando fallou das lagrimas, não diz que chorou, diz que começou a chorar: *Cæpit*: falla nos principios, mas nam no fim.

179 E se estas lagrimas não tiveram fim, nem tambem principio. Notem. *Lachrymis cæpit*: não disse o texto *Cæpit lachrymis*: poz mysteriosamente as lagrimas antes do principio: *Lachrymis*: eis aqui as lagrimas: *Cæpit*: eis aqui o principio: & lagrimas, que são antes do principio, não tem principio. E se estas lagrimas, ao que parece, não tiverão fim, nem principio, bem se segue que foram como perpetuas ou infinitas, forão excessivas na copia; por que chorou muyto, & chorou sempre.

180 Porém pergunto. He necessario que as lagrimas se eternizem pera apagarem as maculas dos peccados? Não, mas por respeito da sede do peccador, que causaõ as mesmas lagrimas. Por mais lagrimas penitentes, q se chorem, nunca satisfazem a sede de se chorarem, antes quanto mais se choram, mais sede causam.

Falla David das suas lagrimas penitêtes, & diz que lhe serviaõ de sustento, & que as comia como paõ: *Fuerunt mihi lachrymæ meæ panes*: tambem estava com ellas, que eraõ o seu comer.

181 Pergunto agora. Se David confessa que as suas lagrimas eraõ o seu mãjar: porque não diz que lhe serviam tambem de bebida? Mais proprio he das lagrimas serem bebida que comida; porque são liquidas, & são agoa. Pois como não diz David que com ellas fazia refeição de paõ, & agoa, mas sò de paõ? *Fuerunt mihi panes*. Dizey. O pam como he alimento apaga a fome, mas excita a sede: a bebida extingue a sede, & pera este fim se toma. E quiz David mostrar que ainda que chorasse de dia, & de noyte: *Diè, ac nocte*: não lhe extinguiã aquellas lagrimas a sede, antes mais lha augmentavão: por isso não chamou às lagrimas potajem, q se bebe, mas paõ, que se come.

182 He verdade que as lagrimas penitentes em David tinham razão de sustento; por q lhe apagavão a fome, ou *fomes peccati*: mas não de agoa; por-

porque lhe não satisfazião a sede: antes quanto mais chorava, mais sede tinha de chorar. Esta he a propriedade das lagrimas penitentes, & com mayor razião das da Magdalena; porq̃, como procedião de hũa dor intensissima, erão mais amargosas, & salgadas, tinhão a natureza do mar: & assim quanto mais na officina do coração se multiplicavam, tanto mais crescia a sede no coração.

183 Em David as lagrimas não lhe apagarão a sede, mas tiverão termo estas lagrimas, fallou dellas como já passadas: *Fuerunt mihi lachrymæ meæ.* Porém a Magdalena teve hũa sede infaciavel, & cõtinuou as lagrimas por todo o discurso da vida: *Per totam vitam, &c* começou: *Cæpit:* & não acabou. Que as lagrimas de David lhe não apagassem a sede, sendo fonte, & sendo rios: *Exitus aquarum deduxerunt oculi mei!* muyto he. Mas que se não satisfaza a Magdalena de verter lagrimas, sendo essas lagrimas hũ mar! *In medio maris: cæpit inundare:* Isto he mais. Oh lagrimas excessivas na copiat! Oh sede infaciavel, que tanto

levastes o agrado de Christo!

184 Antes de Christo expirar na Cruz teve sede: *Sitio:* E explicando São Pedro Chryfologo mysticamente esta sede, disse que a sede da Magdalena causára a sede de Christo: *Sitit Magdalena sitim:* Teve sede da sede da Magdalena. Que Christo tivesse sede das lagrimas da Magdalena, bem se entende: mas da sede? Sim Muyto levãraõ as lagrimas da Magdalena o agrado de Christo, mas a sede dessas lagrimas parece lhe excitou mais o desejo como se differa Christo: que a Magdalena chore tão copiosas lagrimas, muyto me agrada; mas que sendo taõ abundantes as lagrimas não lhe apaguem a sede, ainda tenha sede de mais lagrimas, isso he o que mais me namora, isso he o que mais appeteco: *Sitit Magdalena sitim.* Porque a Magdalena teve tanta sede das lagrimas, por isso Christo teve sede da sede da Magdalena.

185 Oh exemplar mayor da penitencia! São as vossas lagrimas hum mar, aonde o meu discurso não pode tomar pè. A differença, que  
vay

vay do mar aos rios, vay das vossas lagrimas às lagrimas dos mais penitentes. Os mais foraõ bateis, que navegãraõ em os rios: vòs fostes nã, que vos engolfastes em o imenso dos mares: *Viam navis in medio mari*: nõ mar vermelho das lagrimas, que saõ sangue da alma, affogastes o Egypto do mundo, & como capitania abristes estrada pera as mais com a vara da penitencia: *Virga penitentiae*. Oh mysteriosa Nao! Que se dantes naufragastes em o mar dos vicios: *Peccatrix*: agora navegas felizmente por hum mar de lagrimas: *Lachrymis cepit rigare*.

186 E vós, oh almas, que como naos andaes entregues às ondas do mundo: *Anima peccatrix est navis*: que fluctuaes em hũ mar de culpas: se em algum tempo seguistes a Nao capitania Magdalena, quando desencamiada, seguia tambem agora, pois vay pelo verdadeyro caminho arrendida: disse a semelhante intento Santo Ambrosio: *Si secutus es errantem, sequere penitentem*: Se seguistes a Magdalena, quando naufragava em o mar dos vicios: se-

guia agora, quando navegava em popa pelo mar das lagrimas. Se a seguistes no caminho do Inferno: *Si secutus es errantem*: seguia agora no caminho do Ceo: *sequere penitentem*. Entray neste mar de lagrimas pelo claro rio do desengano: *Vt cognovit*: levay a anchora da Fè: *Fines tua, &c.* accendey o farol do amor: *Dilexit multum*: segui o norte da virtude, pera entrases com a Nao Magdalena em o porto da Gloria.

187 O terceiro, & ultimo enigma da conversão da Magdalena, he o caminho da cobra, ou serpente sobre a pedra. *Viam colubri super petram*. A serpente representa hũa alma peccadora. Assim o ensinou Christo: *Serpentes gemina viperarum, quomodo fugietis à iudicio gehennae?* A pedra he Christo: *Petra autem erat Christus*: A serpente, a Magdalena inficionada com o veneno das culpas: a serpente sobre a pedra vê a ser a Magdalena aos pès de Christo: *Secus pedes Domini*. Nesta ultima clausula nos abre o thema caminho ao discurso. E que mysterio tem com-



comparar-se a conversão da Magdalena à serpente sobre a pedra?

189 Direy. Ou podemos considerar a Christo em quanto pedra sòmente : ou em quanto pedra do deserto, que foy juntamente fonte espirital, como disse São Paulo: *Bibebant autem de spiritali, consequente eos, petra: petra autem erat Christus.* Buscou hoje a serpente dantes venenosa da Magdalena a Christo em quanto pedra, & em quanto pedra, que juntamente era fonte. Buscou a Christo em quanto pedra, & juntamente fonte. Vay a serpente beber à fonte, & primeyro que beba, poem de parte o veneno: & despois de beber, o recolhe outra vez: & se o nam recolhe, morre.

190 Assim o testemunhaõ muytos, & gravissimos Authores. Foy a Magdalena, qual serpente inficionada cõ o veneno das culpas, beber à fonte da vida, que manava da pedra Christo, poz-se sobre a pedra: *Super petram: secus pedes Domini:* & primeyro depoz a peçonha das culpas com resoluçãõ taõ constante,

que a não tornou mais a admitir. E que se seguiu daqui? Morrer a Magdalena? Sim. Morreo, & juntamente resuscitou: morreo pera o mundo, & resuscitou pera Deos. Desterrou o veneno das culpas com o antidoto das lagrimas: & foraõ estas taõ prodigiosas no seu effeyto (& esta he a ultima prerogativa) q̃ de serpente venenosa a fizeram hum retrato da penitencia.

191 E despois de taõ maravilhosa mudança, acabou a Magdalena pera a terra, toda he do Cèo: já não he do mundo, como dantes, he sò de Deos. Foy Moysès por mādado de Deos pera o Egipto, levando por insignia de seu officio a vara em a mão: & a esta vara chama o texto vara de Deos: *Portans virgam Dei in manu sua.* Pergunto. Esta vara não era vara de Moysès? Sim. Pois como lhe chama o texto vara de Deos? *Portans virgam Dei.* Notem. Do mesmo capitulo consta que mandou Deos fazer a Moysès hum ensayo do prodigio, que havia de obrar em o Egipto com aquella vara: Lançou a vara em terra, &